

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Offcinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Não terá estranhado o futuro Presidente e augusto excursionista que nos voltassem numa rapida parada, seduzidos pelos curiosos aspectos da politica, muito interessantes, muito edificantes neste momento de renovação dos personagens, de limpeza e lubrificação do carunchoso aparelho que funciona mudando de côr, pintado de branco, de azul, de amarello e de verde, produzindo sempre a mesma coisa, durante quasi um seculo, desde epocha anterior aos saudosos tempos em que s. ex., moço, cheio de illusões, de ambições nobres e talvez de phrases bonitas, se engalonnava com a farda de ministro do Imperador, que Deus tenha em santa gloria.

* * *

Estavamos em Manáos, nessa maravilha erguida no deserto de aguas e florestas pela fecunda actividade dos cidadãos de arco e flecha.

Depois de larga interrupção numa zona em que se conservam ainda os esplendores da natureza primitiva com os seus thezouros, a sua magnificencia esmagadora; depois de atravessarmos um largo espaço neutro, encontrámo-nos em plena conquista da civilização. Manáos surge das aguas escuras do rio Negro como uma reivindicação do passado glorioso, assignalado pelo plano de Pombal, soberbamente vasto para as acanhadas forças e a curta vista da dynastia bragantina no Brazil.

A perspectiva de verde e azul se ameniza, e na sua immensa monotonia de coisa gigantesca, com os zimborios artisticos, com os tectos da casaria nova, alinhada em renques de ruas largas, claras, ventiladas, cortadas de bondes electricos, no mesmo sitio accidentado, cheio de altos e baixos, onde a primitiva cidade se

contorcía decrepita, atolada no tijuco dos igarapés.

S. ex. reconhecerá que por alli passou a virilidade de um Passos prodigioso, derrocando e creando, com aquella picareta fatidica que está estripando as entranhas podres do velho Rio de Janeiro, um Passos triumphante dos rancores da rotina acuada, malsinado, calumniado, detestado, como os seus emulos Lauro Müller e Frontin, aos quaes a protervia attribue gordas propinas, e que lhes dariam um lugar de realce entre os mais invejados millionarios do mundo. Pois bem, meu querido Presidente, (palavras pucham o coração e a gente váe insensivelmente caíndo na nevrose do marechal Pires Ferreira) dos reconstructores de Manáos não se disse meia missa, comparando a obra dos calumniadores de lá com a dos linguas-damnadas decá, desta ex-Capital Federal, que é um viveiro dellas, qual mais afiada, qual mais venenosa.

Nenhum melhoramento se emprehende sem encobrir uma batota, isto desde que o Brazil começou a se mexer. Toda a vez que um empreendimento novo abalava a tradicional preguiça indigena, vinham a terreiro os cachorros da maledicencia: o desenvolvimento do abastecimento d'agua pelo contracto Gabrieli, um negocio de 19 mil contos, salpicou lama em quasi todos os grandes homens contemporaneos; um formossissimo parque da praça da Republica, substituindo o campo desolado cheio de lava-deiras, foi resultado de uma patota que deu de comer a muita gente bôa com adherencias no Paço; a obra economica é financeira do Governo Provisorio, o unico governo constitucional da Republica, o grande impulso que elle deu ás entorpecidas forças nacionaes, são, ainda hoje, malsinados com os mais iniquos baldões...

Mas... a quem estamos nós falando em forca? Ao benemerito creador de Bello Horizonte, suscitada

prodigiosamente na ondulada planicie do Curral d'El-Rei pelo vontade, pela energia do sr. Affonso Penna, que lhe lançou os fundamentos. E v. ex. sabe quanto soffreram os seus auxiliares, homens da ordem de Aarão Reis, Amarilio de Vasconcellos, Honorio Bicalho, honrado e velho trabalhador que está ainda purgando peccados nas obras do porto do Rio de Janeiro, verdadeiro negocio da China aos olhos vêsgos da ganancia insaciada.

Pelo que se passa no centro da civilização brasileira, o sr. Affonso Penna poderá avaliar a intensidade, o desbridamento das campanhas diffamatorias nos pontos distanciados, onde se inicia apenas a cultura intellectual do povo, onde actúam ainda resquícios do fetichismo, de preconceitos da raça primitiva, corrompida pelo contacto, pela influencia corrosiva, pela obra deshumana dos exploradores dominados por interesses occasionaes; gente adventicia sem raizes no sólo, sem amor a elle, sem aspiração do progresso; homens de todas as categorias apoiando as ubertosas têtas das seringueiras maravilhosas.

Até 1878, o Amazonas era um esquecido recanto onde despontava fracamente a exploração da borracha; a população sedentaria, passado o ephemero deslumbramento do progresso colonial, formava diminutos grupos abrigados em cidades decadentes, nas taperas dos capitães-môres, nas ruínas das missões catholicas, atrophiada no fatalismo atavico, sem aspirações, sem estímulos, garantida a subsistencia pelo rio cheio de peixe, pela floresta pingue de caça, de saborosos fructos. Não se preocupavam com o norte os estadistas incumbidos do povoamento do territorio nacional. E tão falsa noção tinham da natureza delle, dos seus recursos economicos, do seu clima, das suas aptidões para um colossal centro humano, que só se impressionavam com o povoamento do sul; era idéa predominante povoar

o norte com os residuos ou os excessos do povoamento do sul.

Mas a calamidade maior que, depois da *olygarchia acciolyna*, affligiu a generosa terra cearense, se encarregou de corrigir os erros, a ineptia dos estadistas: uma corrente emigratoria de creaturas acossadas pela sede e pela fome se encaminhou para os páramos amazonenses, abriu affoitamente caminhos aos mysteriosos repositórios de riqueza, revelou os thezouros da borracha, vencendo, com a indomita bravura de homens educados na lucta contra a natureza adversa, a esmagadora, a medonha, a exuberante opulencia da flora, da fauna, nos territorios desconhecidos, mal trilhados pelos raros descobridores da sua inestrincavel rede de rios. A' proporção que a corrente immigratoria fixava definitivamente a sua conquista, o Amazonas foi surgindo das brumas da indifferença; tornou-se pouco a pouco um appetitoso centro de affluxo do trabalho, do capital e, ao mesmo tempo, um refugio dos mal succedidos, dos desesperados que appellavam para o ultimo lance dos deslumbrados pelas narrativas das fabulosas facilidades de accumular rapidamente milhões naquella nova California.

De envolta com os elementos de trabalho, com os vehiculos de riqueza, de cultura intellectual, iam os elementos parasitarios da prosperidade, a lia dos grandes centros populosos, os detricos do lixo humano, criminosos, viciosos incorregiveis, fibusteiros para todas as audacias, dentre os quaes, no recente periodo de transformação da vida amazonica, surgiram homens como Galvez, um aventureiro fino e romantico; Placido de Castro, um *condotieri* á maneira gaúcha, intensamente frio, cruel, ambicioso, tendo recebido os ultimos retoques do caracter na escola das luctas fratricidas, no ensinamento dos supplicios barbaros, dos estaqueamentos, dos fuzilamentos summarios, dos degolamentos deshumanamente estupidos.

Esse elemento nocivo, sob as suas variegadas fórmas, perturbou, até, os nossos dias, a constituição definitiva da população conquistadora da Amazonia, impediu sempre o seu desenvolvimento systematico, chegando, por fim, á monstruosidade de mutilar o

territorio como opulento despojo de uma victoria diplomatica.

.....
E deixemos para logo o resto da palestra.

A nossa sincera dedicação a v. ex. nos exclúe do prodigioso numero de *cacetes* que lhe estão amargurando os ultimos dias de liberdade.

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

A lucta é, pois, o grande drama universal observado desde os microorganismos até aos páramos celestes. Du Prél entreviu a existencia a se manifestar no *kosmos* da natureza identica á do *kosmos* social: os astros creados pela affinidade mollecular das nebulosas a combaterem pelo espaço, que é o alimento das estrellas. Tambem á luz do bioscopio hodierno de Gasparil, distincto universitario de Napoles, os pequenos cryptogamos, os musgos, os lichens, que o olho nú mal discerne, apparecem no horisonte como minusculas florestas de plantas singulares, prados de esmeraldas, em meio dos quaes organismos de fórmas estranhas se agitam, se misturam, amam e se batem sem pausa nem treguas. E' tendo em vista a correlação existencial entre os phenomenos naturais e as crenças animicas, que Bordeaux conclúe pela unidade de essencia do *eu* espiritual e do *eu* material, emquanto Delage entrevê a immortalidade das cellulas germinaes pela reproducção e a mortalidade das cellulas somaticas pela differenciação.

Apoiados sobre a observação dos factos e o conhecimento do *fieri* permanente que preside ao *kosmos* intellectual, não podemos, todavia, prever até onde ás descobertas scientificas será dado arrastarem o pensamento e o saber. Afigurou-se a Renan ser estereotipico todo esforço empregado para imaginar um semelhante futuro.

Aos olhos do illustre auctor da *Vida de Jesus*, Wells, tracejando com penna de romancista volumes e volumes sobre o destino da humanidade, equivaleria a Tarde, divagando sobre as futuras transformações mundiaes em demanda da anemia solar, que ha de ser, segundo elle, o periodo inicial da morte do Planeta.

Effectivamente, na ascensão do espirito para a luz, releva não deixar desintegralizados os phenomenos do sentimento, consubstanciados no grande factio religioso.

Como a sciencia, repitamos, a religião é uma das creações fundamen-

taes da humanidade. Com razão se diz que a força mental, que estatue a sciencia, e o sentimento profundo, gerador da religião, são emanações de uma mesma fonte e correm parallelamente a um mesmo fim. Verdade é que já possuímos, a esta hora do seculo, uma grande somma de material accumulado pelo passado, cujo espolio ha sido possível enriquecer com o emprego do methodo historico-naturalistico. Mas é por isso mesmo que nos separamos do auctor da *A irreligião do futuro* quando pensa e expende que o objecto da theologia, no dizer de Schleiermacher — isto é, o factio religioso, tende a desaparecer num porvir mais ou menos remoto, desalojado do reducto do sobrenatural pela offensiva das forças da sciencia.

A solução do problema que se nos offerece como exacta, pelo menos como logicamente accetavel, é a fornecida pela philosophia monistica, a cujo criterio Eduardo de Hartmann estuda a religião do futuro.

Essa solução é que a immortalidade do dogma é um factio psychologico, de inconcussa observação, e que ella não se extingue nem renasce prendendo-se ao *processus* geral da evolução, nem mesmo á corrente, em que se bifurca, do desenvolvimento emocional da vida humana. A immutabilidade é o seu caracteristico, como producto do coração e da vontade, que o é. Assim considerada, a religião deixa de ser o *sociomorphismo universal* de Guyau.

Compreende-se, porém, que o amor — como o entendemos — principio de vitalidade ou elemento kosmogonico, é alguma coisa mais do que a attracção sexual, o genio da especie, no dizer de Schopenhauer. A nosso ver, elle não se explica, e jámais talvez se deixe explicar como um simples phenomeno de conexão mollecular. Dir-se-á que, floração de velha cêpa, haure sua côr e perfumes das profundas raizes biologicas que o prendem ao sólo e á atmospheria moral do mais remoto passado.

E, flôr das civilizações orvalhada de sonhos, o amor é o sentimento que dá ás religiões a glorificação dos martyres, que traça á architectura a harmonia das linhas, que empresta á musica a doçura dos accordes, que fornece á poesia a inspiração, e á sciencia — força despoetisadora da natureza e da vida — a apotheose de novos horisontes, saturando de sonhos a velha alma humana, embevecida em sua ascensão vertiginosa para o Idéal.

Quando Schiller disse, em nome da litteratura, que a fome e o amor eram os dois agulhões da especie humana, para comproval-o ahi se achavam, na larga historia espiritual, mais ou menos empaliedecidos e desmaiados

pelo tempo, os poemas individuaes e as epopeas collectivas.

A principio, as lavas da imaginação se crystallizam nos phenomenos do Universo, nos deuses e heróes da sacratissima Hellade, e vemos, desfilar aos olhos do espirito, os titans legionarios das celebradas batalhas do Ramayana: é o periodo theogonico e mystico do Mahabbarata.

O espirito atravessa a sua phase de ascensão para o grandioso, que o embevece e o deslumbra. Emtanto, nos *Nibelungen* já vibra a alma romantica, palpita inteiro o coração de uma raça, bem como na Biblia o Deus vingador se transforma ao doce influxo do Christianismo.

Como modalidade nova daquella alavanca moral que surgiu, vemos dominar na litteratura medieva o sentimento cavalheiresco, assumindo as proporções de uma glorificação á honra. Então, com o culto das damas, espiritualizado pelas canções dos trovadores madrigalescos, começa a «imperar a vida elegante dos castellos, com os seus pagens e os seus menestres, com os torneios em que se disputavam, sob o olhar gracioso da castellã, os direitos á valentia e ao amor.»

Phenomeno de sobrevivencia do sêr moral collectivo, e tambem de unidade emocional, o *Werther* e o *Romeu e Julieta* ali estão a vibrar a eterna lyra dos dramas psychologicos, que encheram azas em pleno céo do romantismo. Modernamente, a litteratura abrange o computo da vida, considerada como phenomeno coexistencial. E porque os grandes factos biologicos, como affirma Wundt, jámais se offercem ao observador desacompanhados das funcções da nutrição e da reprodução, as letras modernas, especialmente as letras francezas e slavas, iniciaram, consoante os novos idéaes, os sens admiraveis estudos de conjuncto, sob a influencia da psychologia collectiva ou estudo da alma das multidões. Por sua vez, no dominio das artes representativas, não criam o pintor e o estatuario num mundo dessemelhante do dos phenomenos naturaes.

Simplemente a belleza real do objecto representado sente-se expoentizada pela força personalissima do artista, que transmite á sua alma o cunho de sua individualidade.

Deste modo, o idéal é a natureza engrandecida pela força cultural, engalanada dos encantamentos de uma nobre *psyché*.

Essa visão, que se deixa perceber na téla ou no marmore e que se evolva espiritualizada na lagrima ou no sorriso, trãe toda uma alma que encanta ou fascina, deleita ou eleva a psychologia de um povo ou da humanidade.

E' que permanece como um facto

do espirito, diriamos melhor, do coração, a consensualidade reflexa das emoções grandiosas.

Na musica, nem por não ser directamente representativa, o phenomeno não se deixa de manifestar em proporções equivalentes.

Um *nocturno* de Chopin ou um trecho de St. Saens despertam na alma taes sentimentos que, não raro, ao ouvirmos esses *impromptus* frementes de notas maviosas ou fortes, nós amamos ou odiamos com o componista genial que as produziu.

Colhendo as vélas no remanso do porto alcançado, podemos dizer que a evolução do espirito moderno affirma na litteratura, na musica e nas bellas artes directamente representativas, a ascendente directriz impulsionada pelo sentimento, de accordo com o instincto egualmente biologico da humana conservação.

Agóra, já perto do nosso fim, sejam dado interrogar com Malthus: «—De que teem servido os esforços do homem contra às leis oppressivas e occultas da natureza? Que tem conseguido a civilização pelo orgão de seus poetas, artistas, escriptores, oradores, estadistas e moralistas?»

Pedimos-lhes *pão* e elles nos fornecem uma obra de arte; pedimos-lhes *amor* e elles nos apresentam uma poetica ou religiosa sombra delle». Inquirindo e assim balanceando o capital das civilizações, Malthus chega á evidencia de que a fome e o amor são as duas grandes alavancas da natureza e da sociedade, a sua endosmose e exosmose.

Releva notar que a progressão crescente e multiplicante das plantas e dos animaes lhe mostra a vida collectiva sob a fórmula de um combate perpetuo entre as forças proliferantes da especie, e a defensiva armazenada no reducto de sua manutenção. Entrevista assim em plano inferior a vida humana, o seu futuro repouzará, no entender do philosopho naturalista, numa média de força parallela á da média natural. O estabelecimento dessa média, sujeito a multiplos coefficients, virá a ser o supremo problema da sociologia do futuro.

E, ao concluir, seja-nos ainda permitido lembrar, em defeza do nosso ligeiro trabalho, as memoraveis palavras de Socrates:

Philosophar é aprender a morrer.

PRADO SAMPAIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

ARMADA NACIONAL

Os guardas-marinha confirmados, hoje segundos-tenentes — Seu futuro — O excesso de officiaes — Suas causas — A Escola Naval de hontem e a de hoje.

E os ex-guardas-marinha confirmados, hoje segundos-tenentes? São cerca de trezentos, e como o numero de vagas que lhes aproveita não excede de 20 annualmente, segne-se que o numero 200 (já não queremos calcular para o 300) da escala actual, só alcançará promoção a primeiro-tenente, de hoje a 10 annos; e como a idade média dos segundos-tenentes é de 23 annos, (si ha muitos de 21 e 22, tambem os ha em quantidade com 24 e 25) essa promoção só se realizará quando o official em questão tiver alcançado os 33 annos de idade. E depois, os 150 degraus do quadro de primeiros-tenentes a galgar? Elle os galgará certamente porque, já o vimos, os actuaes primeiros-tenentes e capitães-tenentes serão todos victimas da refórma compulsoria e será portanto augmentada a quantidade das vagas annualmente; elle galgará pois, com certeza, esses 150 degraus, mas em 8 a 10 annos pelo menos, e assim irá attingir o posto de capitão-tenente ainda official subalterno, com uma idade nunca menor de 40 annos. Que terá sido feito então de seu amor á profissão e ao estudo, da sua crença e do seu estimulo, inuteis desde hoje e por certo atrophiados durante esses 17 annos passados como segundo e primeiro-tenente e ante a perspectiva da refórma compulsoria a apanhalo fatalmente como capitão-tenente (45 annos)? E os officiaes subalternos que vêem e vierem depois deste? Não será, pelo menos, igual o seu futuro? Não teremos assim indefinidamente uma repetição periodica do mesmo quadro de hoje, talvez até a cada nova repetição aggravados os males actuaes?

Dir-se-á que, para o presente, ha remedio num augmento de quadro. Concedamos que assim seja. Mas, para o futuro? Novo augmento? A que nos levaria elle sinão a um simile do exercito do Haiti, onde, dizem, para cada soldado, ha quatro officiaes? Mas, mesmo hoje, um augmento de quadro que não fôsse temporario e detalhe dum plano vasto para remediar

a plethora de officiaes, seria escandaloso. Effectivamente temos, no quadro da armada, cerca de 750 officiaes, e as praças da nossa esquadra não excedem de 4500! Um official para 6 praças, incluídas nestas foguistas e infantes navaes!! Não é já escandaloso?!

Na mariuha ingleza, o quadro de officiaes é apenas 3 vezes mais numeroso que o nosso; na franceza, alemã e americana, proximamente duas, e na italiana regula com o nosso; entretanto, a esquadra italiana, infinitamente inferior á ingleza, é infinitamente superior á nossa!

Vejamos agóra quaes as causas desse excessivo numero de officiaes.

A revolução de 93 teve como effecto natural attrahir sobre a marinha o interesse de todo o paiz, e, entre os jovens candidatos a um curso academico, as façanhas do *Aquidaban* e do *Republica*, da *Trajano* e de toda a esquadra, em summa, contadas sempre com comprehensivel exaggero, despertaram muitos enthusiasmos pela farda, até então adormecidos.

Foi essa, embora pareça ousado affirmar-o, a primeira causa das que concorreram para que se elevasse o numero de matriculandos na Escola Naval.

Segunda causa foi a pequena duração do curso nessa escola, em relação ao das outras. O paiz começou a atravessar, depois de 93, a pavorosa crise de todos conhecida. As collocações no commercio se tornavam difficeis; da Escola Polytechnica saíam annualmente, só depois de 5 annos de curso, turmas de engenheiros, os quaes, por largo tempo, ficavam desempregados; na Escola de Medicina se estudava seis annos, e quando a formatura vinha corôar os estudos, era uma vida difficil e incerta a começar; as academias ditas então electricas, e então desmoralisadas, despejavam de seu ventre bachareis em grande massa, bachareis que se achavam em geral sem clientela, pela concurrencia que se faziam, uns aos outros; na Escola Militar, o curso era longo e *puchado*, e para se alcançar o posto de alferes-alumno, era necessario ser plenificado em todos os exames.

E na Escola Naval? O curso de aspirante, foi até 97, de 4 annos e dahi para cá de 3 apenas. Ao cabo desse

tempo, se obtinha a promoção a guarda-marinha alumno, emprego certo de tresentos mil reis mensaes, casa e comida, direito a accesso, accesso que a principio se afigurou muitissimo rapido porque os quadros estavam desfalcados, e que effectivamente foi obtido com facilidade até 1900.

Mesmo que não tivesse accesso, o emprego seria garantido; tinha ainda a vantagem do montepio, deixado por morte, e direito a aposentadoria, mais tarde, pela refôrma; accresce que o curso era economico: não havia matriculas e taxas de exame a pagar e o Governo dava casa e comida.

Porque os paes não haviam de *empurrar* os filhos para a Escola Naval, agóra que a marinha estava desmantelada, que não havia, pelo menos proximamente, perigo de guerra, enfraquecido como estava o paiz, e que já se não viajava muito? E porque os filhos, attendendo a todas aquellas razões praticas, não concordariam com os paes, fascinados ainda pela decantada belleza da vida do official de marinha e pela belleza da farda, sempre tão querida e admirada?

Por isso, a Escola Naval se encheu; em 95, se matricularam 70 aspirantes. Anteriormente, nunca se haviam matriculado em um anno mais de 40. Em 96, o ministro de então comprehendeu bem o que viria a acontecer si as matriculas fôsem facilitadas, e permittiu a entrada para a escola a 20 aspirantes apenas. Mas o seu successor fez o inverso, e então em 97 se matricularam 90 aspirantes; em 98, 140; em 99, 100, e em 1900 e 1901 já os quadros se completavam; havia entre guardas-marinha alumnos e aspirantes mais de 250 jovens e todavia entravam ainda para a escola turmas numerosas.

Só depois, o actual ministro da Marinha poz paradeiro a esse descalabro, reduzindo novamente o numero de matriculas.

Mas já havia entrado gente de mais, e a maioria della, que entrára para a escola sem vocação, indo apenas arranjar emprego ou tirar um curso academico, a maioria della, dizemos, justiça se lhe faça, se adaptou ao meio, se tornou apta, ganhando uma vocação que não tinha, e pela carreira abraçada um interesse de que não se julgava capaz. Mas, tudo isso perdido, já vimos!

O futuro está fechado aos officiaes-subalternos.

Teria sido possivel evitar o effecto daquellas duas causas? Sim. Bastaria que os ministros que geriram a pasta da marinha de 1897 a 1902 tivessem seguido o exemplo do que occupou esse cargo em 95 e 96, praticando o que mais tarde veio a praticar tambem o actual ministro: reduzir, ou até supprimir, a matricula na escola. Elles não o fizeram; havia outro meio: fazendo com que fôsem verdades o ensino naval e o regulamento da Escola Naval. Mas o ensino dos aspirantes era uma industria rendosa para a maioria dos lentes, e, para destruir o regulamento, os padrinhos influentes pullulavam, e o interesse de grande parte da congregação em manter aquella industria, trabalhava, numa grande abnegação.

Exponhamos o que foi até hontem e o que é hoje a Escola Naval.

TONELEIRO.

A LIVRARIA

«A AGUA», «O FOGO», CONFERENCIAS REALISADAS POR COELHO NETTO.

Não faltou quem censurasse, principalmente á puridade, o programma que os primeiros oradores, ouvidos o anno passado no Instituto Nacional de Musica, traçaram á serie de conferencias alli pronunciadas com um successo ainda não visto entre nós.

Foi dellas que nasceu a moda, ora propagada por todo o paiz, de irem os oradores e poetas de cada localidade glozar em prosa mottes que muito antes elles mesmos escolheram, glozal-os deante do publico de que são favoravelmente conhecidos.

A razão principal que os insurgentes ou murmuradores allegavam era que essas conferencias tinham antes um character arcadico, que eram coisas de encher tempo á tôa, falas inoquas e habilidosas para enternecer e fazer rir ao mesmo tempo as moças, tirando baba aos amadores litterarios, eternamente alheios a *trucs*, pela simples razão de que os *trucs* para elles justamente é que são feitos.

Assisti a muitas dessas conferencias e posso confirmar que não foi por méro reclamo amigo que toda a imprensa do Rio falou tão calorosamente do exito que a maior parte dellas obtiveram.

Em geral, as senhoras commoviam-se de verdade e dahi a pouco trinavam

risadas as mais gostosas do mundo, conforme o conferencista manobrava, tendo quasi todas impressas na physionomia a expressão do mais sincero, do mais inequivoco interesse pelo que estava dizendo o orador.

Não se fala dos *dilettanti* que vestem calças: alguns observei a quem quasi lhes caía o queixo, de embevecimento, e com um delles saí que vinha litteralmente maravilhado, depois de uma conferencia de Olavo Bilac, a quem saíu comparando com Ciceros, Demosthenes e Orpheus. «Um gigante!» dizia-me o distincto ouvinte, «um gigante!», resumindo nestas duas palavras todo o seu pensamento de admirador incondicional pelo nosso brilhante contemporaneo.

Foi Medeiros e Albuquerque quem, de uma recente viagem a Paris, trouxe a idéa dessas conferencias, por uma que lá ouviu, no Odéon. Olavo Bilac foi quem achou a fórmula victoriosa: depois que elle falou é que ellas começaram a obter na realidade successo. A primeira, feita por Coelho Netto, teve grande concorrência, mas não correspondeu devidamente á expectativa.

Porque? Deu-se que o tom estava ainda alto de mais. Foi Olavo quem afinou devidamente. A conferencia por elle produzida serviu mais ou menos de modelo ás de todos os outros.

Ora, nesse successo alcançado não está a justificativa do programma seguido?

Para mim, está. Adeantar, ellas não adeantaram, é claro; mas puderam produzir certo encanto, e já não é pouco entre nós.

Essas outras de Paris, que deram origem ás de cá, teem diverso character, é certo. Seria totalmente inadmissivel fazerem-se hoje em dia alli estes parolentos torneios, sem um fim determinado, de propaganda ou de divulgação, sobre assumpto serio. Elles já lá tiveram o seu tempo para isso, antes do meiado do seculo XVII e depois quasi nos fins do XVIII, com as modas litterarias de então.

Mas si nós fôssemos imitar os parisienses tambem no programma, a sala do Instituto ficaria quasi que inteiramente deserta.

As senhoras, entre nós, não procuram, em geral, ter opiniões sinão sobre os assumptos chamados *de moças*. O mais que um litterato póde conseguir dellas é enternecer-as ou fazel-as rir com coisas leves e faceis. Pretender ir além é uma violencia á epocha, uma prova de falta completa de tacto e de senso pratico.

Quanto aos homens, principia por que na sua quasi totalidade, hoje, não prestam attenção a estas coisas. Si em outras epochas elles já são pou-

cos, ainda mais quando vem um impulso como este da *americanisação*, de que o mundo inteiro está soffrendo a influencia, e nós com o mundo, embóra um tanto caricaturaes, como sempre. Hoje não se quer saber sinão de negocios, nem que seja para perder dinheiro.

Uma das razões do bom exito que lograram estas conferencias está justamente em que se pagava para entrar e sabia-se que bôa parte do lucro seria embolsada pelo orador. Si não se tratasse de homens tão conhecidos, só esse facto os teria recommendado bem; porque o eram, ganharam ainda mais prestigio com a deliberação tomada.

Entre tantos oradores que tivemos occasião de ouvir, houve outros, como, por exemplo, Alcindo Guanabara, que terão electrizado, ainda mais do que Coelho Netto, o auditorio.

O caso delles era particular. Fôram oradores que escolheram temas truculentos, como aquelle d'*A Dôr*, que o valoroso Alcindo elegeu. Puderam arrancar effeitos tetricos e hypnotizar mais totalmente a massa dos ouvintes. Houve certos momentos, quando Alcindo Guanabara accionava mais largo, em que toda a sala o ouvia em paroxismo, como na igreja um piedoso auditorio ouve em sexta-feira santa o prégador, que váe desenrolando lentamente o santo sudario.

Mas ninguem conseguiu mais enternecida admiração, mais *embevecimento esthetico*, que é o que deve lisongeiar o artista propriamente dito, do que o auctor dessas duas conferencias, *A Agua* e *O Fogo*, agóra publicadas em opusculos.

Eu o ouvi numa outra, naquella sobre *A Palavra*.

Além de que Coelho Netto rendilha a phrase tão naturalmente como nós outros conseguimos expressar-nos apenas, e a rendilha com graça e acabado magistraes, elle teve uma vantagem sobre quasi todos os outros oradores: falou sem ler e nem mesmo muito copiosos apontamentos levou. De modo que o effeito era duplo, parecendo que elle improvisava tudo aquillo. O semblante do orador transfigurava-se por vezes aos olhos do auditorio, como o dos genios na febre da inspiração.

Lendo-se hoje estes opusculos, elles ainda nos dão uma idéa do que poderiam ter sido taes espectaculos, cujo encanto a presença do escriptor e os seus felizes dotes oratorios completavam. Estas duas conferencias *A Agua* e *O Fogo* são lindos trabalhos de virtuosidade e de bôa leitura.

«CANTOS E CONTOS».
POR BELMIRO BRAGA.

O sr. Belmiro Braga publica um livrinho de cento e algumas paginas, intitulado *Cantos e Contos*. O titulo o está dizendo, é uma obra de prosa e verso, e vem offerecida ao sr. Affonso Celso, com um prologo justificativo.

Não era preciso esse prologo. Folheando-se o impresso, achá-se naturalissima a offerta; porque o sr. Belmiro Braga é destes de quem gostará quem do sr. Affonso Celso litterariamente goste. Tem reaes affinidades com o seu patrono. E' terno e mimoso como este, com a differença que ha entre um discipulo e um mestre de escola, naturalmente.

Até na capacidade de expressão que revela para os seus affectos de pae, o sr. Belmiro Braga nos faz lembrar do meigo auctor daquelle bonito livrinho que todos conhecem: *Minha Filha*.

Já outros teem notado que o que é para admirar é que a poesia da vida domestica nos inspire relativamente tão pouco, a nós outros brasileiros, quando tanto para a familia e pela familia vivemos, sujeitos essencialmente caseiros que somos, na nossa sociedade sem salões, de theatros vãos, de passeios publicos desertos ou mal frequentados, de máus restaurantes, onde «não é bonito» as senhoras irem, — na desassociação, emfim, que nos caracteriza.

E' que em geral tão feio nos parece andar cervejando com as raparigas dos jardins dos theatros e cafés certos, como se nos afigura de bom gosto promovel-as a condessas e princezas e gabar-nos do que não praticamos, nas transfigurações da poesia. Vivemos á brasileira, mas litteratamos á franceza. Não somos só nós que o fazemos, console-nos isso: é toda raça hoje em dia incapaz de ser autonoma em arte. Todo povo que precisa artificializar sente-se instinctivamente arrastado para imitar o francez.

Dos versos e prosas do sr. Belmiro Braga fôram justamente essas paginas tiradas á vida intima que mais me interessaram, pela razão de que eu as achei mais characteristics. Basta que se leiam os dois primeiros trabalhos do opusculo, feitos em prosa, *Para a escola* e *O periquito*, mais o terceiro, *Carta ao José*, posto em verso, para se fazer uma psychologia approximada do poeta, do poeta e do pae que o sr. Belmiro Braga vem a ser.

Vendo o filho ir pela primeira vez para a escola, elle, que fica de longe acompanhando os passos ao menino, sente os olhos marejarem-se-lhe de lagrimas, e tem esta phrase final: «Triste vida! Pobre filho!...»

O segundo trabalho é a historia de um periquito pertencente ao menino,

e que foge na ausencia deste, facto pelo qual o rapaz, na volta, fica tão sentido, tão choroso, que o pae tambem não se pôde conter e chora egualmente o periquito fugido.

Está-se vendo: é um pae bem á brasileira o sr. Belmiro Braga; a tal pae ha de corresponder forçosamente o poeta.

Da peça em versos eu desejo citar uma quadrinha muito bonita, feita a proposito do auctor ter encontrado um livro escolar pertencente ao menino e cosido á agulha por este, por mór de bem conservar seu livrinho. Os quatro versos dizem assim:

« Tudo isto, José, me orgulha,
Tudo isto me põe tranquillo,
Que um homem cosendo á agulha,
Só deve fazer aquillo. »

Além de graciosa esta quadra, tem a vantagem de offerecer um pensamento de homem, principalmente quando este esteja falado a um filho. Pareceu-me por isso favoravel ao sr. Braga que os meus leitores a conhecessem. E' pena que a segunda rima seja um pouco imperfeita.

Si quizessemos falar de imperfeições, teriamos de alludir a algumas phrases incorrectas que encontramos no correr da leitura. Mas não faremos cabedal disso, mesmo porque, nesse particular, geralmente censuramos hoje para sermos censurados amauhá.

* * *

« PHRASES E PALAVRAS »,
POR ALFREDO DE CARVALHO.

Talvez dentro em breve não estejamos tão ignorantes da nossa lingua como o temos sido até aqui. Melhor, como fômos até ha pouco. E' preciso reconhecer que já temos feito algum progresso nesse sentido, graças ao numero de estudiosos que augmenta todos os dias entre os nossos lexicographos, grammaticos e philologos.

Obedecendo á ordem em que elles me chegaram ás mãos, tenho de escrever duas linhas por ultimo sobre um outro opusculo que recebi esta semana, *Phrases e Palavras*, do sr. Alfredo de Carvalho, da Academia Pernambucana, um dos taes estudiosos de que falo.

Os artigos deste livrinho nos fazem lembrar os do dr. Castro Lopes, porque teem o mesmo fim, que é o de procurar a origem de varias phrases e vocabulos uzados no Brazil. O sr. Carvalho procura não só estes como outros que correm exclusivamente em Pernambuco.

Mas estas *Phrases e Palavras*, com serem escriptas sob certa fórma anecdotica, como o fazia o bom velho referido, fórma desenfastienta e accetosa, são mais leves ainda, e princi-

palmente mais breves. Vê-se que o auctor prefere não esgotar a materia a correr o risco de se tornar fastidioso.

Só o que lastimo é que eu não tenha competencia para criticar obras deste genero.

NUNES VIDAL.

O NAZARENO

Saíra muito cedo para o templo. A'quella hora matinal, costumava ficar alli á espera da multidão que vinha ouvir a palavra da sua sabedoria.

O sol nascera apenas. A' manhã se entoava das tintas cantantes do nascente, e os passaros, numa orgia de azas e de gorgeios, punham no ar uma nota de alegria, que, por momento, desannuviava a profunda melancolia de que se empastavam os pensativos olhos de Jesus.

Ao sentar-se á porta daquelle immenso edificio construido por seus avós, uma onda infinita de perdão e de amor encheu-lhe a alma de reformador. Sentiu-se numa grande afinidade com aquella natureza que se rejuvenecia com a alvorada, irmão daquelle figueira antiga e melancolica balouçando as ramas ao sopro do Mar-Morto; daquelle passarinho aviventando o céu; daquelle pequena israelista, de cantaro ao hombro, aviventando a payzagem; daquelle céu azul; daquellas vastidões chatas de desertos e mares.

Por de cima, o ar tinha uma grande transparencia. A recta do horisonte, indecisa como um fio lançado entre o céu infinito e a terra extensa, perdia-se longe, por sobre a toalha dourada do deserto para as bandas da Arabia, por sobre o Mar-Morto para as bandas da Assyria. Ao norte, muito longe, levantavam-se, como pequenas manchas, as cristas das montanhas da Galiléa.

Jesus pensou então na historia dessas regiões, outr'óra duma uberdade sem nome, theatro de guerras atrozés, de crimes nefandos, de prodigios abençoados; na historia desse povo eleito e miseravel da dupla miseria economica e ethnologica,—arrastado de captiveiro em captiveiro, desde os Pharaóes até os Cesares, por

todas as humilhações, e todas as vergonhas.

E' daquelle cidade, que alli se agrupava irregular e tortuosa, deante delle, com seus tectos razos e limosos, suas ruas obscuras e estreitas, resumbrava um fluido de tristeza, que insinuava no doce filho de Maria uma indefinida saudade, de coisas bem remotas, escondidas no fundo da historia de sua patria infeliz.

Lembrou-se do ephemero e brilhante reinado de David e de Salomão, dois reis poetas, seus antepassados, cuja nevrose veio até elle para acender-lhe no peito aquella chamma devoradora que havia de, mesmo, consumir-lhe as ultimas energias de seu sêr.

Um tenue suspiro exalou-se. Seu olhar melancolico e vago deslizou-se ao longo da sombra do templo, extensa e fria; projectada sobre um chão negro e sequioso. Ao lado, a piscina reflectia immovel uma nesga da manhã. A cidade sombria despertára. As mulheres passavam para a fonte de cantaro ao hombro, os homens punham-se á porta, graves e indolentes.

Jesus foi pendendo a fronte ao pezo de seus pensamentos, e poz-se insensivelmente a riscar no chão com o dedo...

Pensariam os orgulhosos reis da Judéa, que um dia um seu neto, pobre e desprotegido, educado na tenda de carpinteiro, estaria alli, sentado á porta desse templo prodigioso, feito á custa das nações vencidas, ruminando no espirito o plano immenso e abnegado da reconstrucção da sua patria decaída, de sua religião desprestigiada? Elles—inflados pelos triumphos e pelas riquezas accumuladas a preço de atrocidades, cegos na sua vaidade de poderosos—suppunham eterna a sua dynastia e eterna aquella nacionalidade submissa, e rir-se-iam, de certo, si alguém lhes dissesse que tempo viria em que um renovo dessa velha arvore dynastica de David, nascido na mais humilde condição, seria arrastado, pela logica inflexa de uma predestinação, a abrigar-se á sombra daquelle templo com a alma saturada pelas tristezas da sua casta

E o neto de David continuava a escrever no chão com os dedos.

Uma tristeza suavissima ungia-lhe

a frente de predestinado, e o seu pensamento perdia-se nos scismares.

Aquelle curto instante de solidão lhe era bem caro, pois a multidão não o deixava...

Já era uma celebridade. O seu nome estava em todas as bocas. Opiniões se formavam e se accendiam: partidos se grupavam e agiam. Uns acreditavam na divindade de sua origem e da sua doutrina. Nicodemos, bom homem, simples e recto, era o chefe desse partido. Outros, porém, negavam e escarneciam, procurando espiçal-o em pontos de doutrina, deante do povo, para desacreditá-lo.

Os phariseus, os doutores da lei, chefiavam esses rebeldes.

E todos se occupavam daquelle homem magro e pallido, de bellos olhos meigos, de aspecto meditativo e severo, perseguido por tristezas profundas. Os cabellos longos do Nazareno, castanhos e annellados, caíndo em bastos canudos sobre os seus hombros, a barba aberta no mento, o oval piedoso e distincto, a tunica desalinhada de propheta, os raptos irritadiços do seu character, tudo isso junto a uma eloquencia unguida e imaginosa, cheia de surpresas e sabedoria, causava funda impressão á turba ignára, educada por uma série de reis devassos e de prophetas sombrios a prégar desolação e morte.

A multidão seguia-o por toda parte, obedecendo ao gesto, testemunhando os prodigios daquelle bello mancebo, moreno e pallido, herdeiro do sangue de uma raça dominadora, que acordava agóra nelle com a violencia inconsciente de um resurgimento.

Virgem aos trinta e tres annos, escravo do seu pensamento fixo—a reabilitação do seu povo, votado á execução desse plano, como o cordeiro ás chammas do altar, deixava-se elle absorver por pensamentos em que a sua grande obra gyrava com uma intensidade allucinadora, e cujas evoluções o seu dedo febril e hysterico riscava na areia fina do portal.

Essa obra delicada, essa sensibilidade nervosa e aguda, esse coração generoso e abnegado, repositório daquelle amativa lesão que produziu os *Psalmos* e os *Canticos*, se tinham annullado, sacrificado, condensando-se na idéa fixa, inolvidavel—a salvação

dos seus irmãos. A obra invadia todo o sêr, como um incendio, assecando-lhe alma e corpo, devorando-lhe as doces parasitas das illusões, que se desfaziam em fagulhas, alimentando-se dos destroços de suas faculdades de homem; para erigir, sobre essas ruínas, a figura rigida e severa de um Deus.

Não amar nunca! Elle, que fundava no amor a sua religião!... Estarem-lhe destinadas sómente as asperezas da vida na mais amarga solidão. Era como a desolação de que falava Jeremias.

Os esplendores prestigiosos de propheta, de filho de Deus, de Messias salvador, que lhe valiam si afugentavam essa maviosa columba, timida e modesta, que prefere as doces sombras de um ninho ás quentes fulgurações de um astro? Elle era tão humilde! Gostava dos pequeninos, dos fracos, dos enfermos, dos pobres. Lazaro era o seu maior amigo: seus amigos eram os desgraçados. A's vezes, quando se adormentava o pensamento de religionario divino, sentia-se homem, e no seu peito, cantando acordava a ave dos amores ineffaveis.

Mas não podia amar! Arrastava-o a inflexibilidade do seu destino superior.

Um dia, uma mulher impura, mas tão bella como as rosas de Jericó e loura como as espigas do Egypto, entrou pela sala do banquete, e, num raptó apaixonado, chegou-se ao triclinio, banhó-lhe os pés com perfumes custosos e enxugou-os com as tranças desatadas.

Que bem lhe fizera aquella acção humilde da linda peccadora!

— Um escandalo! vociferavam em torno os convivas. Não a conhece, sem duvida; pois é uma perdida.

— Sim — comprehendeu Jesus; mas muito amou, e o amor remiu os seus peccados.

Pensava agóra nella, alli á porta do Templo, e sentia quanto é bom perdoar; e seus olhos humedecidos pela emoção erguiam-se por cima do amontoado das ruas e fixavam-se na lombada pedregosa do Calvario, que se arqueava além, fóra da cidade.

Do lado opposto, o Monte das Oliveiras levantava para o céo, como um chôro, o frémito de sua matta verde.

Um rumor ouviu-se então; a principio indeciso, depois mais distincto, enchendo por fim de vózes a pequena área em face do Templo.

A turba conduzia uma mulher que soluçava de terror e de vergonha. Eram desaffectedos de Jesus. Procuravam embaraçal-o, e aquella infeliz era um pretexto.

Jesus olhou para a infortunada e comprehendeu.

Tinha uma vez de perdoar, e todo o seu sêr vibrou.

A multidão acercou-se.

A mulher era moça, um bello typo moreno de judia, encantador e pensativo, impregnado dessa poesia oriental que tresanda a myrrha e a flôr de Cynamomo.

Vinha aterrada, a face coberta de vergonha.

— Mestre! — disseram da turba, — a lei dos nossos paes manda apedrejar as adúlteras. Esta mulher é uma criminosa.

A infeliz contorceu-se ante a tremenda accusação. Jesus viu aquella angustia, baixou a frente e absorveu-se:

Quem seria aquella desgraçada? Victima talvez do seu temperamento, da rude bruteza do seu homem, algum avarento judeu, que a espancava, que a sobrecarregava do grosso mistér, a ella, fragil e nervosa creatura?

Quem sabe as quentes lagrimas que não espremeu essa alma arrastada para a treva por esse israelita sordido, que nem se apercebia de que ella tinha um coração?

— Mestre! — disseram de novo — precisamos fazer justiça segundo Moysés.

Jesus ergueu a cabeça lentamente e poz-se a considerar aquellas physiologias cheias de caligem.

— Justiça! — insistiam.

— Bem! — disse Jesus, com serenidade — aquelle de vós que estiver limpo de culpa lance-lhe a primeira pedra.

E de novo inclinou a cabeça, e continuou a escrever na arêa.

A turba ficou indecisa e confusa sem saber o que fizesse, ondulou e escoou-se lentamente.

Quando Jesus levantou os olhos, a moça estava só, de joelhos, com um

fluxo de lagrimas que lhe desciam até ao seio redondo e moreno.

O labio tremulo de angustia, os grandes olhos negros afogados no choro nervoso, indicativo de uma sensibilidade exaltada, commoveram o neto de David :

— Onde estão os que te accusam ?

— disse elle, com brandura.

— Fôram-se, Mestre.

— Pois si ninguem te condemna, váe em paz e não tornes a peccar.

A mulher ergueu-se ainda soluçando, e com o busto curvado, sacudido pelo pranto, perdeu-se além na curva da rua.

Jesus seguiu-a com o olhar piedoso e cheio de bondade. Depois, voltou-se, deu de face para o Templo e na sua alma accordou, de repente, a idéa dominadora, e elle transformou-se.

Já não era alli o Jesus piedoso e bom, era o Nazareno inspirado, o rispido reformador, que afugentava a chicote os profanadores do Templo, e negava a sua mãe nas bodas de Caná.

Entrou pelo portal a dentro. Dahi a um instante, a sua alta figura esguia e melancolica destacava-se na meia luz da nave e a sua voz atroava, todo dominado pela sua idéa fixa, dontrinando a multidão ignara.

O homem desaparecera ; só alli estava agóra o propheta, o filho de Deus, o Nazareno, lançando o gesto com o braço descarnado, erecto e inflexivel como a sua doutrina immortal.

VIRGILIO BRIGIDO.

APANHADOS

As memorias de Guilherme II Os jornaes inglezes annunciaram que o imperador Guilherme tinha querido escrever as suas memorias, mas essa noticia foi desmentida pelo proprio interessado.

Guilherme II lê tudo quanto sobre a sua pessoa publicam os jornaes mais importantes do mundo, e para isso dispõe dum extenso secretariado que trabalha unicamente em reunir, com ordem e methodo, todos os artigos e commentarios que as suas iniciativas e os seus discursos suscitam. Estes recortes constituem uma especie de *Diario dos Diarios*, que o imperador lê todos os dias pela manhã e que annota com a sua propria mão.

Na margem da informação que lhe

attribuía o proposito mencionado, o kaizer escreveu estas palayras que não deixam resquicio á esperanza mais remota de que cultive aquelle genero de litteratura :

«Nunca terei tempo de escrever as minhas memorias.»

**

D'Annunzio biographo Gabriele D'Annunzio renunciou ao theatro e ao romance; elle váe agóra resuscitar a arte latina da biographia, isto é, «escolher entre os typos humanos aquelles que exprimam o caracter, que indiquem a parte mais delicada e mais profunda dos sentimentos, dos actos, dos habitos, emfim aquelles que pareçam ser os unicos dignos duma biographia apurada e carinhosa». Assim, D'Annunzio váe escrever uma série de *Vidas dos homens illustres e dos homens obscuros*; começou pelas de Crispi, Leonardo da Vinci e Cavour.

**

O anarchismo na Hespanha Na *Nuova Antologia*, Cesare Lombroso procura conhecer as causas do anarchismo na Hespanha.

«Apezar das perseguições ferozes, das penas de morte, das torturas, das incessantes prohibições contra a imprensa, esta continúa activamente com a sua propaganda. Os seus orgãos—*Corsario*, *Sciencia Social* e outros, teem milhares de assignantes. E, coisa significativa, emquanto a litteratura hespanhola está pobre em trabalhos de economia politica, contá, ás centenas, obras anarchistas, como as de Mella, Lorenzo, Montseny, Ruyz, etc.»

O grande escriptor italiano continúa, não se mostrando admirado com o progresso do anarchismo na terra de Affonso XIII: «E' impossivel que, em uma sociedade saturada de violencia, não appareçam tempestades terribes. Um povo acostumado a vibrar nos espectaculos sanguinolentos, numa arena onde o *torero* é um semi-deus, está inclinado, naturalmente, a resolver pela força o problema complexo da orientação politica e dos soffrimentos publicos, devidos a causas atavicas, historicas e climatéricas. Elle espera recuperar a liberdade com um golpe de navalha ou com a explosão duma bomba.»

Lombroso faz notar, tambem, que os anarchistas hespanhoes não são todos filhos da Hespanha. E, a esse respeito, cita as palavras de Angiolillo, que matou Canovas del Castillo: «Sou italiano geographically; preoccupo-me, porém, com os males do mundo inteiro.»

Para o anarchista, com effeito, a patria não existe; não ha sinão a humanidade, para a qual os exaltados

do partido se sacrificam, começando como assassinos para se tornarem depois humanitarios.

**

Progressos dos Estados-Unidos O Right Honourable J. Bryce, deputado no parlamento inglez, e que faz parte do novo ministerio liberal, publicou as impressões da sua ultima visita aos Estados-Unidos; a primeira, elle a tinha feito em 1885. O desenvolvimento material do paiz, durante esses vinte annos, chamou-lhe a attenção. «Cada classe social, diz elle, parece mais rica que a classe correspondente na Europa; a vida, lá, é muito facil.» Uma outra coisa lhe pareceu notavel: os progressos da instrucção universitaria. Ha, hoje, nos Estados-Unidos, quinze a vinte universidades capazes de rivalizar com as mais celebres da Europa. O numero de estudantes está multiplicando; a escola de Yale conta mais alumnos que a de Oxford e cinco universidades do este teem mais estudantes que as da Inglaterra toda. O gosto geral, o sentimento artistico, estão aperfeicoados. Tres coisas, só, não fôram melhoradas: a vida politica, as instituições municipaes e a questão dos negros, que está no mesmo ponto de ha vinte annos.

**

Testamento exquisito Uma senhora, recentemente fallecida em Chicago, deixou, no seu testamento, mil e quinhentos dollars para a construcção dum gallinheiro, «bom e abrigado e bem forrado por dentro e por fóra», para umas gallinhas que ella estimava e creava, cuidadosamente, havia já muito tempo.

**

Escriptor hespanhol Um dos maiores escriptores da Hespanha, José Maria de Pereda, morreu em Santánder com 71 annos de idade; publicava as suas obras desde 1864. Começou com as *Escenas montaresas*; depois vieram *El buey suelto*, *Don Gonzalo Gonzalez de la Gonzalera*, *Los hombres de pro*, etc. Nos seus trabalhos dominavam os principios sociaes; o auctor mostrava-se ahi bastante aggressivo; mas, em 1882, houve uma evolução no seu talento e elle então abandonou o combate e se tornou impessoal e realista. Consagrou-se unicamente á poesia das montanhas e aos seus habitantes; nesse genero se classificam *El sabor de la Terruca*, *La Montalvez*, *La Puchera*, *Nubes de estio*, *El primer vuelo* e sobretudo *Sotileza*. Pereda era o Anatole France da Hespanha. O seu ultimo romance, *Peñas arriba*, foi-lhe inspirado pela morte tragica do seu filho.

A queda do absolutismo Boji edita um artigo sobre a queda do absolutismo. O autor, E. Tarle, trata o assumpto com bastante carinho, alongando-se por muitas paginas da *Mir-Boji*, uma das melhores publicações moscovitas, onde são recebidos os trabalhos dos grandes escriptores slavos; as suas opiniões, muito ponderadas, são sempre acolhidas com enthusiasmo. Tarle estuda a queda do absolutismo com methodo scientifico applicado á historia, e esse estudo consiste na analyse muito apurada dos documentos historicos. Elle acredita que a monarchia absoluta se apoia sobre uma classe da sociedade; Luiz XI, na França, Guilherme, o conquistador, na Inglaterra Catharina II, na Russia, representam o apogeu do poder absoluto, necessario para o desenvolvimento da nobreza. Depois de ter concluido a sua tarefa historica, a monarchia absoluta activa extraordinariamente, emprega a sua força numa actividade esteril e prejudicial, imagina perseguições religiosas ou guerras inuteis, como a de Luiz XV com a Inglaterra. Essa politica arruina o paiz e acaba por destruir o proprio poder, que entrou no seu periodo de decomposição. Mas, enfraquecida e nefasta á nação, a monarchia absoluta póde durar um tempo infinito, si a consciencia do povo não a combater logo. Ella não resiste a uma revolta séria e sossobra na lucta, Tal foi o fim da monarchia franceza, destituída pela burguezia e pelo povo, reunidos em 1789, para lhe dar o ultimo combate..

* *

Linguas estrangeiras na Italia O ultimo recenseamento italiano, cujos resultados acabam de ser conhecidos, mostrou que os filhos do paiz, em certas regiões, falam outras linguas e não o italiano. Assim, 100 italianos habitantes das circumscripções de Aosta, Pignerol e Suze falam o francez; 12.000 do Piemonte e das provincias venezianas uzam dois dialectos allemães; 110.000 habitantes de 14 circumscripções da Italia meridional e 3 da Sicilia, o albanez; nas provincias de Lecce e de Reggio, na Calabria, sobre 50.000 habitantes, 38.000 uzam o grego; 35.000 habitantes das regiões visinhas da Servia empregam dialectos slavos. Na Sardenha, na communa de Alghero, 10.000 habitantes sobre 12.000 não sabem sinão o catalão.

* *

A lingua dos macacos Váe ser creada na Universidade de Chicago uma cadeira para o estudo da lingua dos macacos. Para esse fim, já fôram remettidos da Africa Central para aquella cidade da America 36 macacos, que serão forçados por todos os bons modos a mani-

festar a sua conversação. Esperam os professores poder em breve estabelecer gradualmente os rudimentos da grammatica e os caracteres da escripta da nova lingua.

* *

Telephonos sem fio Tem-se propalado ultimamente em Vienna, um novo systema de telephonia sem fios. Essa divulgação occasionou a declaração de serem esses telephonos já ha muito tempo usados na esquadra japoneza, para communicações mesmo muito distantes, em completa segurança contra os furos. O inventor é o sr. Kimura, engenheiro naval japonéz; e o segredo do seu systema é de exclusiva propriedade da marinha.

* *

Uma arvore de 6.200 annos A distincção de ser a mais velha coisa do mundo pertence a uma grande arvore ha pouco descoberta. Ha um seculo, De Candolle, botanico genovez, encontrou dois teixos: um, em Fortingal, Condado de Perth, Escossia; outro, em Hedson, Bucks, Inglaterra; e calculou a idade dos dois respectivamente em 2.500 e 3.240 annos. Ambos florescem ainda, e o mais velho tem um tronco de 8 metros e 90 centimetros de circumferencia. Humboldt dava 5.150 a um gigantesco baobab da America Central, cujo tronco tinha de circumferencia 9 metros e 57 centimetros; era essa até agóra a mais velha arvore conhecida. Alguns botanicos do Mexico acabam, porém, de descobrir um cypreste de Chepultepec da grossura de 38 metros e 94 centimetros e que, pelo numero de anneis annuaes do tronco, tem de idade cerca de 6.200 annos.

* *

Varias O padre F. Jesson, que morreu ha um mez com 93 annos de idade, na cidade de Grantham, Inglaterra, pronunciou perto de 5.500 sermões, dos quaes 3.700 fôram prégados em uma só egreja daquella cidade.

*

Eduardo VII tem sob seu reinado maior numero de mahometanos do que o sultão da Turquia, maior numero de hebreus que os que habitam a Palestina, e maior numero de negros do que tem qualquer soberano africano nativo.

*

Existe em Lodepur, perto de Calcutta, um hospital-animal onde se acham habitualmente cerca de 1.000 animaes: cavallos; bois, burros, carneiros, cães, elephantes, etc, todos confortavelmente accomodados, e soccorridos por oitenta enfermeiras indias, sob as ordens de um cirurgião veterinario inglez.

* *

Aphonso Karr intimo Contamos jornaes francezes, a respeito de Aphonso Karr, a quem se erigiu ha dias uma estatua em França, algumas das suas intimas originalidades. Não tinha no quarto em que morava sinão uma esteira como mobilia. Dormia,

comia e escrevia no chão. Viveu assim durante algum tempo; depois, aborrecido do quarto, mandou pintal-o de preto. As paredes, o tecto, tudo, emfim, recebeu uma uniforme camada negra de tinta. Ossos humanos, uma corneta de caçador, velhas armas, algumas corujas empalhadas e um esquite em que elle dormia ladeado de duas tochas accesas toda a noite, completavam a ornamentação desse quarto funebre. Isso em 1834. Vê-se, portanto, que essa extrema excentricidade de dormir em caixão de defuntos não foi, como se suppunha, inaugurado em Paris por Sarah Bernhardt.

Um dia, sobraçou a esteira, poz o caixão ao hombro e mudou o seu sepulchro para outra rua. Dias depois, vendeu todos os petrechos funebres e metamorphoseou seu domicilio em habitação mahometana, á qual não faltavam nem o divan circular, nem as pyras.

Fumava nos compridos cachiumbos do Levante, uzava as chinellas o caftan e o turbante.



Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XX

A hypochrisia de José Bonifacio váe ser provada e demonstrada por documento authenticico do proprio punho do ministro.

Eis reproduzida a portaria de José Bonifacio:—«Sendo um dever sagrado nas actuaes circumstancias vigiar siodadamente todos os malvados, que maquinam para fins sinistros e criminosos, contra a tranquillidade e segurança publica: Manda s. alteza real, o principe regente, pela secretaria dos negocios do reino, que o intendente da policia—1º, escolha e augmente o numero das pessôas que devem espiar as maquinações referidas, a quem se dará gratificações do costume, segundo o seu prestimo e serviço:—2º que sendo os actuaes juizes do crime poucos e sobrecarregados de outras obrigações e encargos e alguns delles frouxos e pouco zelosos, e cumprindo que a policia tenha ministros activos, habéis e corajosos, a quem se possa encarregar de diligencias de ponderação e segredo: Ha s. alteza real por bem approvar a proposta, que o mesmo intendente acaba de fazer do bacharel João Gomes de Campos e do desembargador Francisco de França Miranda, para servirem interinamente de ajudantes do mesmo intendente geral da policia, emquanto s. alteza real não houver de tomar a esse respeito ulterior e final resolução:—3º, que o referido intendente geral, por si

e pelos ditos ajudantes, com tropa de policia, passem a verificar os ajuntamentos de pessoas suspeitas e perturbadoras do socego publico e segurança publica, que já lhe fôram comunicados por essa secretaria de Estado; e achando verdadeiros e criminosos taes ajuntamentos, mande cercar as casas onde se fizeram taes clubs, por força armada, prender todas as pessoas que nellas fôrem encontradas e fazer apprehensão em os papeis e correspondencias que fôrem achadas em suas casas e que pela sua natureza fôrem suspeitas, para tudo ser examinado por uma commissão que para esse effeito, se haja de nomear:—4º, finalmente, que no dia 18 do corrente, em que se fizerem as eleições, o mesmo intendente geral, mande para o local em que ellas se hão de fazer espias seguros. para lhe daram parte immediotamente de tudo que alli se possa praticar, contrario ao fim unico das ditas eleições e contra a tranquillidade publica; e para que o dito intendente geral possa logo occorrer a qualquer desordem que possa succeder, se postará com os seus officiaes e tropa necessaria nas immediações do logar das referidas eleições, como lhe parecer mais adequado.—Palacio do Rio de Janeiro, 10 de abril de 1822. — *José Bonifacio de Andrada e Silva.*»

Ainda outra, que completa o systema da tyrannia do ministro. «Tendo-me s. alteza encarregado de fazer executar o decreto de 18 do mez passado, é do meu dever *transmittir a v. s. todas estas partes e denuncias, que acabo de receber* e ao mesmo tempo communicar-lhe que por muitas outras indagações e noticias, estou acapitado — *que ha tramas infernaes, que se urdem não só contra a causa do Brazil, mas contra a preciosa vida de s. alteza real, contra a minha e contra todos os honrados cidadãos amigos da nossa causa.* E' preciso, pois, que v. s. mostre presentemente toda sua energia e actividade em conhecer as perversos e descobrir os tramas até sua raiz e ver tudo com os seus proprios olhos, não confiando diligencias importantes e delicadas a juizes de crime sem cabeça e sem energia: cumpre tambem que até o dia 12 v. s. deixe de estar em Catumbý e venha morar no meio desta cidade, para com mais energia e promptidão dar todas as providencias necessarias para descobrir os perversos e esmagar seus conluios. *Quando a patria está ameaçada por traidores solapados, não valem as chicanas forenses e só deve reinar a lei marcial.*

Cumpre finalmente que V. S. reservando para outra occasião os dinheiros da policia destinados para objectos menos importantes, os empregue na *conservação de bons agentes e*

vigias. — Paço em 2 de outubro de 1822 — *José Bonifacio de Andrada e Silva.* — Ao sr. desembargador João Ignacio da Cunha.»

Terminando a leitura asquerosa desses documentos, qualquer homem de consciencia recta murmurará com o poeta — *Pequeno em corpo, n'alma pequenino* — Em verdade, se diriam duas das brutaes ordens de Delcarretto — o esbirro policial do rei Fernando, de Napoles...

.....
E nos embutiram no espirito, desde o collegio, que tal homem era um eminente estadista; um apostolo da liberdade; a personificação das virtudes !...

Estas portarias, analysadas, evidenciaram n'alma do auctor não só a immanidade, mas ainda a carencia das noções da liberdade, do direito, da justiça e de todos os princípios da civilização do seculo. Elle manda sufocar a liberdade da consciencia e do pensamento; violar o respeito do lar domestico; o segredo das correspondencias; quer *vigias*, delatores a soldo da policia; exige que o intendente geral tenha juizes criminaes, que não sejam *frouxos* na obra das perseguições; impõe que *fale a lei marcial*; affirma na portaria de 2 de outubro que *«se tenta contra a vida preciosa do Imperador, contra a delle ministro e contra a de todos os honrados cidadãos amigos da causa.»*

Eis ahi a origem das prisões que fizeram objecto dos debates da Constituinte na sessão de 7 de maio (1) na qual tambem se discutiu a revogação do Alvará de 1818, applicavel ás sociedades secretas.

José Bonifacio, como deputado e ministro, disse hypocritamente que não sabia a razão do proceder do juiz devassante; que apontaria os motivos do Governo: ora, essa razão e esses motivos constam das portarias; brutalmente illudiu á Camara e mentiu ao paiz. Elle o sabia porque ordenou as prisões. Elle tinha mostrado que sabia, assegurando que não fôram prezos como pedreiros livres e maçons; — porque na portaria de 2 de outubro de 1822 (a segunda supra-mencionada) indica os motivos, isto é, *ha tramas infernaes, que se urdem não só contra a causa do Brazil, mas contra a preciosa vida de s. a. e contra a minha.*

Elle remette denuncias aos juizes ordenando-lhes que processassem os suspeitos, prendendo-os e cercando as casas com força armada, como consta da portaria... E este homem, adiante de sua obra de crueza e despotismo, recalçando a moral, aviltando a dignidade da razão, affrontando a justiça e desdenhando a opinião nacional, tem o impudor de dizer—que não sabe porque o juiz devassante processou os prezos tendo sido *elle proprio*

que mandou as denuncias, em consequencia das quaes se fizeram as prisões e processos..

Poucos individuos terão lido taes portarias, que são documentos authenticos; poucos terão entrado no exame dos actos do governo de José Bonifacio; quasi todos ignoram essa alluvião de processos, de devassas, de perseguições, de deportações ou de prisões por longo tempo sem indícios, por suspeitas ou delações dos *vigias bem pagos* pela policia do intendente geral sob as ordens do ministro do Imperio do gabinete da Independencia. Elle sentiria o calefrio do remorso quando, na discussão, succedendo-na tribuna, Antonio Carlos bradou: *é da nossa sabedoria arrancar os prezos das garras do despotismo.* E quem o praticava? José Bonifacio. Não lhe podia ulcerar a fronte estygma mais fêvido e aviltante do que aquelle que lhe gravou a dextra fraterna implacavel, mas, desta feita, justiceira. Esse brado echôa na historia como um depoimento probatorio, inconcusso.

Aquelles que recuzam admittir que o governo do patriarcha foi uma longa cadeia de perseguições e martyrios infenso ás aspirações liberaes dos patriotas que lidavam pela causa da emancipação politica da nação brasileira; aquelles que ainda acreditam que a alma do patriarcha era o sacratio da liberdade, da justiça, dos dictames da razão, da pureza da verdade, de virtudes immaculadas, e do patriotismo e que para os seus concidadãos o patriarcha era a personificação da abnegação e de todos os sentimentos que engrandecem, exaltam e nobilitam o coração humano; que é que esses pensarão á vista de tantas provas em contrario? Que dirão aquelles sinceros crentes—pios devotos—ouvindo o brado accusador, escapado da consciencia indignada de Antonio Carlos?...

Não é a unica vez que Antonio Carlos dá o seu testemunho, affirmando o absolutismo de José Bonifacio. Em pleno Parlamento, proferiu as seguintes palavras: *Eu sou irmão de um homem que grandes serviços e bem mal pagos, fez á nossa terra, affeioado porém muito ao arbitrio, porque julgava elle que, exercendo-o, tudo iria bem: eu amo muito o meu paiz, dizia elle; concedo, respoudia eu, o que quero é o seu bem. Parece, dizia eu, logo, tudo o que eu quero é justo; duvido, respoudia eu (2).*

Todos os despotas teem esta mesma linguagem, de amar muito o seu paiz e de ser o unico e predestinado a fazer-lhe o bem, e que tudo *que querem é justo*.. José Bonifacio julga-se da raça dos entes privilegiados, como Richelieu e o marquez de Pombal: sua

indole, seus pensamentos e actos o affirmam e demonstram. A tolice humana, porém, nos brasileiros, debalde quiz attribuir-lhe a pureza santa, as nimias e admiraveis virtudes dum Washington ou de outra grandiosa personagem historica, a quem os povos, na effusão do seu reconhecimento, concederam laureis de gloria, ergueram estatuas e altares e perpetuaram-lhes o nome, indelevel, na memoria das gerações que se succedem através dos seculos.

Nos documentos, nos actos, nas palavras, nos successos do tempo, nos debates da Constituinte; em tudo que fez, o ministro de d. Pedro I apparece na attitudo dum potentado ou dum consummado absolutista. Nelle pôdem-se ver diversas individualidades — o sabio naturalista, pensador profundo; o orador parlamentar, nullo; o poeta, com todos os senões da Arcadia; o estadista, sem intuição e imprevidente; o politico, sem idéal; o homem de governo, escravizado á rotina das tradições da tyrannia, guiado pelas suspeitas, pelas coleras, pelos calculados interesses dos VIGIAS SEGUROS e pela immanidade dos delatores, instrumentos e executores do seu ministerio, que foi mais pernicioso do que util á causa da liberdade e da civilisação brazileira.

Os devotos, deslumbrados pelas scintillações da *lenda*, continuam a crer na sabedoria politica do pretensio patriarcha da Independencia — esse feito da acção collectiva de todos os brasileiros e não obra dum homem, — contiunam com o mesmo culto de admiração: não importa.

Cabe pensar como certo poeta hespanhos: o povo é nescio; gosta de ser enganado; saborêa nas mentiras, em que acredita, os deleites do seu espirito; deixemol-o com suas illusões; é justo dar-lhe esse gosto.

Quem estuda a historia, procurando ver nella *lux vita*, certamente não pôde deixar de analyzar e comparar os factos e descobrir os seus liames reciprocos, as causas que os geraram e os resultados produzidos. Assim, é seu dever não amar as illusões, nem ter o gosto de ser enganado. A historia só pôde ser util, dignificar e engrandecer a intelligencia, illuminando-a com a verdade, avigorando-a com a força inquebrantavel da razão, do direito e da justiça.

A Constituinte occupou-se com a discussão do projecto sobre a revogação do deshumano alvará de março de 1818, durante alguns mezes, em varias sessões de maio, junho e setembro. A discussão foi lenta e renhida; o projecto do deputado cearense Rodrigues de Carvalho passou por muitas alterações; foi approved e sancionado nos dias 3 e 4 de setem-

bro, tendo sido iniciado na sessão de janeiro, combatido por alguns e acceito pela maioria. A revogação desta lei, terrivel imagem da tyrannia da realza tradicional, foi, sem duvida, um dos actos da Assembléa Constituinte que honram a sua memoria no meio da esterilidade em que consumiu o longo periodo de sete mezes, sem orientação, convertendo-se, afinal, em instrumento das coleras impoentes do orgulho da *trindade andradina*, recalçado pelo tacão das botas do Imperador.

EUNAPIO DEIRÓ

(1) Vide *Diario da Camara*, vol. 1.^o, pag. 35.

(2) Vide *Annaes do Parlamento Brazileiro*, Camara dos deputados, anno I, da 5.^a legislatura, sessão dissolvida de 1824, tomo unico, pag. 77.

A NOSSA SITUAÇÃO MILITAR

As causas internas, mantenedoras do desolado estado de desorganisação em que se encontra presentemente o exercito, não pôdem limitar-se ás referencias muito superficiaes que, a esse respeito, fizemos em nosso primeiro artigo. (Num. 78, anno III, dos *Annaes*).

A bem da modesta, mas sincera propaganda pela elevação moral e material das forças armadas que de ha muito vimos prégando, convém pintar com côres mais vivas, com maior realce, o quadro triste dos defeitos capitaes, mais perceptíveis a uma ligeira apreciação.

O exercito nacional nenhuma alteração sensível, para melhor, soffreu após a terminação da ardua e gloriosa campanha do Paraguay. Apesar das mil imperfeições verificadas ao se iniciar essa campanha, das difficuldades avultadas com que luctou o Governo Imperial, nessa occasião, para mobilizar as forças nacionaes permanentes e eleva-las ao effectivo necessario, dadas as condições de completo descuido em que então nos achavamos a tal respeito — de nada serviram os ensinamentos para o futuro; e, ao contrario — como a victoria foi completa, embóra com abundancia de sacrificios evitaveis — semelhante factio concorreu para desfazer a crença da necessidade de uma cuidadosa e contínua preparação militar, durante a paz.

O processo da incuria, do desleixo, havia dado resultados appatentemente lisongeiros: nada mais commodo e mais sympathico do que persistir nelle.

Os poucos officiaes existentes hoje nos quadros activos e que supportavam o pezo daquella demorada

lucta, estão ao presente em franco declinio da sua actividade. Os ensinamentos praticos e aptidões que porventura alli adquiriram já de todo desapareceram á força de um prolongado marasmo de trinta e tantos annos. As suas lições, ainda que ao vivo nos ensinassem ou praticassem, nenhum valor mais apresentariam, a não ser quanto ao aspecto moral — o qual tambem para elles já se dissipou com o contacto pernicioso dos que vieram depois.

Do nosso vasto quadro de generaes — 32 actualmente — como já dissemos — salvam-se muito poucos, que heroicamente teem resistido ás seductorás sollicitações de uma indolencia condemnavel. Tudo o mais que alli figura, no apice da hierarchia, limita-se a fechar inconscientemente as valvulas de descarga dos que pretendem ou ouzam representar papel de utilidade real.

Em grande parte — a existencia dessa gente se justifica pelo completo alheimento em que tem vivido o exercito da sua verdadeira missão, factio que perdura presagiando consequencias funestas e irremediaveis desastres no momento critico em que fôr chamado em socorro da Patria, quando ameaçada em sua integridade e autonomia de nação soberana e independente.

A falta de estudo e o horror ao trabalho — defeitos aliás inherentes á nossa sociedade em geral — concorrem em parte notavel e quiçá principal para a inutilidade dos nossos altos chefes. Todos elles, pelas indicações do almanach publicado annualmente pelo estado-maior do exercito, acham-se armados de um preparo fundamental — cursos das armas a que pertenceram e especiaes de engenharia e de estado-maior; — mas isso de nada lhes serviu, porque, a maior parte, após transpôr pela ultima vez os humbraes das escolas, nunca mais pegaram em livro que, directa ou indirectamente, lhes falasse em assumptos da sua profissão. Atravessaram os postos de alferes a coronel, em geral, sem mais fazerem do que assignar papeis, muitas vezes *de cruz*, e algumas paradas e corriqueiras manobras em pateos de quarteis que mal davam para o desenvolvimento de uma companhia.

Na escola, naturalmente, por mais extensos e pomposos que sejam os

programmas de estudo, ninguém se pôde considerar preparado ao saír dahi. Quando muito, se adquirem elementos para mais tarde se estudar e aperfeiçoar. Assim, si, ao abandonal-a, deixarmos de todo os livros, ao fim de poucos annos tudo teremos esquecido, e ainda quando a nossa memoria fôsse de extrema fidelidade, já nos acharíamos atrazados com o constante e célere progredir da arte da guerra.

E' facil, pois, comprehender a atrapalhação dos nossos chefes, que a taes condições se deixaram chegar, nos difficeis momentos da lucta: as suas titubiações, os seus erros, a sua incompetencia para dirigir as tropas sob seu commando trará como consequencia inevitavel a derrota, a derrota vergonhosa,—para, implacavel, castigar-os pela imprevidencia, pelo desamor consagrado ás suas altas fuucções.

A guerra moderna se declara, se desenvolve e se decide em tempo muito curto.

A analyse das mais recentes campanhas, da guerra russo-japoneza, dissipa totalmente qualquer duvida que ainda paire sobre a antiga crença de que os generaes, os officiaes e os soldados se fórmam no campo de batalha; que ella constitúa a verdadeira escola dos homens de guerra—a sua arena de aprendizagem.

Os elementos simples, rudimentares, empregados na infancia da arte militar justificavam uma tal crença. As guerras então se desenvolviam com extraordinaria lentidão offerecendo ao soldado largo tempo para aprenderem os mistéres da sua profissão.

Nos tempos modernos, porém, o preparo para a guerra exige outro encannhamento. Na occasião da crise, não é permittida a applicação de methodos novos, experimentações. E' durante os lazeres da paz que se estuda, se trabalha, se observam os factos colhidos em constantes exercicios e manobras para deduzir as consequencias.

A guerra moderna é a arena em que os luctadores se devem apresentar revestidos das suas armas e munidos da sua capacidade, diz o general Lewal.

Em taes coudições cumpre que todos e, principalmente, os chefes de maior responsabilidade, os generaes, aproveitem os longos interregnos pacificos no preparo para conduzir as suas tropas á victoria. Preciso se torna que applicuem a sua actividade em estudar a arte da guerra, quer a sós, no seu gabinete, quer no campo e, sobretudo, nos terrenos accidentados — entre os seus commandados.

E para que não amontoemos palavras unicamente fundadas em razões theoricas, basta recordar como remate um facto que ha tempos se

passou por occasião de umas manobras.

Conta-se que um alto chefe, que tinha uma brigada sob seu commando — a principio de um combate simulado, no auge do seu desconhecimento das coisas da guerra — ordenou á sua infantaria uma formidavel carga de bayoneta contra um inimigo que se apresentava a cerca de dois mil metros de distancia!

Imagine-se agóra que, em logar de um inimigo condescendente e inoffensivo, estivesse essa força de facto em frente de outro bem commandado e essencialmente offensivo. Aquella pobre infantaria, atirada a uma tal carga, pouco mais avançaria, não só porque o cansaço em pouco a aniquilaria, como pela calma com que o inimigo a dizimaria com os seus fogos certos.

E isto se passava no dominio da simples tactica! Que não faria esse commandante quando estivesse a braços com as altas combinações estrategicas!?

TENENTE MAX.



O ALMIRANTE (80)

—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—

CAPITULO XXVII

Não suspeitava a marquezia, possuida pelo feliz enlevo de haver plantado no seu lar desolado a fecunda semente de uma familia que realizaria o appetecido sonho de ventura, de consolação da sua velhice, o verdadeiro motivo daquelle pranto. Não poderia jámais attribuil-o a uma reacção dolorosa do amor verdadeiro no coração de Hortencia com a tenacidade de uma herva damninha a entranhar raizes delicadas e possantes nas fendas das rochas aridas a suffocar todos os outros germens.

A' excellente senhora se figurava que o amor não era elemento essencial para a formação dos casaes felizes: ella saíra do convento para despozar um homem que mal conhecia e, a não serem os dissabores da maternidade, a morte do marido, accidentes vulgares, a sua vida de casada fôra um periodo de relativa felicidade. Os casamentos de inclinação se íam tornando progressivamente raros, sem que essa consequencia da evolução dos costumes, do sentimentalismo para o terreno pratico, influísse des-

favoravelmente na constituição da familia e nos destinos da sociedade.

Além disso, ella considerava Oscar um typo de homem nas condições de satisfazer as mais exaggeradas ambições de uma mulher, um homem completo sob todos os aspectos da belleza physica e do valor moral.

—Tenho soffrido tanto!...—murmurou Hortencia, animada pela maternal caricia da marquezia—As impressões desses dias de sobresalto, de inquietação, de incertezas...

—Não deixas de ter razão, queridinha — tornou a marquezia, meigamente—Ficámos todos muito abalados com a molestia de Oscar, mas a alegria de vel-o são e salvo apagára, rapidamente, as tristes recordações daquelle transe. Eu fiquei moída, alquebrada, mas tive energia para reagir, tanto assim que me encarreguei de transformar esta casa, de preparal-a para os noivos. Espero que lhes tenha agradado a nova disposição dos moveis e que não tenham levado a mal o meu capricho de velha, transportando para aqui o meu leito nupcial...

Hortencia e Oscar não responderam.

— Vocês — continuou a marquezia, com vivacidade juvenil — passarão aqui a lua de mel; depois, poderão fazer uma viagem á *Isabel, a redemptora*, por exemplo, onde Oscar adquirirá completamente as forças. Não concordas, Hortencia? Deves conservar as mais doces recordações daquelle delicioso sitio, dos bellos dias que alli passámos..

—As mais agradaveis recordações da minha vida:—suspirou a moça, fitando no horisonte longinquo os bellos olhos esmaltados de lagrimas.

Depois percorreram juntas todos os aposentos: a bibliotheca restituida ao seu antigo aspecto de abrigo de trabalho, de estudo, o quarto de vestir, onde Hortencia encontrou o riquissimo enxoval escolhido pela marquezia, que não resistiu á tentação de mostrar-lhe dentro um elegantissimo movel, disfarçando de uma caixa forte, as joias, preciosos primores, dignas da *corbeille* de uma princeza.

—Aqui tens — disse a marquezia, num tom de saudade—o meu presente de noivado, as joias que o marquez me offereceu. Eu já não posso uzalas, ficariam mal ornando as minhas ruinas, ao passo que em ti... Oh! ellas darão realce á tua belleza. Dando-te o meu leito, as minhas joias, eu me sinto reviver em ti, como si essas coisas mudas, insensiveis, te levassem particulas da minha alma, a essencia do meu corpo de moça.. Oh! é um capricho de velha...

E com os olhos humidados de tenues lagrimas, a marquezia abotou ao pescoço de Hortencia um collar em que

os rubis e os diamantes pareciam gottas de luz e sangue incandescentes; cingiu-lhe a cabeça com o diadema heraldico de flôres de perolas e palmas de esmeralda.

— Como és formosa, minha Hortencia! — exclamou a marquezia, afastando-se della para gozar o effeito do principesco adorno — Como me sinto feliz! Vês? Vêem-me aos olhos aridas lagrimas de alegria, esse orvalho consolador de que elles estavam privados... Como sou feliz, minha filha, meu doce amor...

E numa expansão de ternura, a marquezia conchegou Hortencia ao seio, beijou-lhe repetidas vezes as faces, rubras de enleio, os cabellos negros, opulentos, realçados pelos fulgores das joias; as mãos brancas, finas, delicadas, enregeladas de commoção.

— Tu me fizeste chorar, minha filha; tu me remiste; tu me fazes a mais feliz das mulheres... Eu te agradeço do fundo d'alma o bem que me fazes...

Aquella ternura desbordante asphyxiava o torturado coração da moça, augmentava-lhe a afflicção. E aquelle thezouro de preciosidades se lhe figurava o adorno de uma victima preparada para um faustoso holocausto, ou o generoso preço de uma transacção com os seus idéas de moça, da venda do seu corpo, a alienação completa da sua felicidade, avultando em proporções monstruosas a ignominia de despozar o homem não amado.

Volvendo á varanda onde ficára Oscar, Hortencia estremeceu e indicou á marquezia, com um gesto rapido, instinctivo, Amelia, que se vinha de vagar, dirigindo-se para o *chatô*.

— Amelia! — exclama ella, num tom de terror.

— Ora graças a Deus! — exclamou a marquezia, chegando á balaustrada, meia escondida nas volatas de epoméas — Pensei que tinhas brigado conosco...

Sem o menor signal de emoção, erecta e firme, na attitude de rigidez habitual, Amelia acenou amavelmente com a mão e entrou.

— Ha quantos dias não nos dás um ar de tua graça? — interrogou a marquezia, recebendo-a no patamar — Esta casa já não cheira a defunto. Não é?... — Adeus, Hortencia. Como vâes? — disse Amelia, beijando a irmã, serenamente, como si nada houvesse de anormal na ausencia de alguns dias — Estou ficando velha; não posso mais soffrer commoções violentas... Depois... eu para nada serviria... Como está Oscar?...

Nesse momento, Oscar appareceu e estendeu-lhe a mão, sem pronunciar uma palavra, sem traír a surpresa de encontral-a.

— Meus parabens! — continuou fria-

mente Amelia, cujo rosto parecia immobilizado numa expressão de tristeza.

— Ainda está pallido!...

— Mas está completamente bom — interrompeu a marquezia — Bom e feliz...

— Papae nos levava diariamente noticias suas — continuou Amelia, no mesmo accento secco e sentando-se na cadeira que lhe offerecera a marquezia — Estivemos eu e Lauro numa constante afflicção... Imagine as noites!... Cada ruido se nos signrava a chegada de um portador de má noticia... Que anciedade.

— Muito obrigado, Amelia — murmurou Oscar.

— Estivemos abandonadas. Mamãe esteve sempre aqui; não tivemos visitas. Era uma tristeza mortal... Imaginem que sómente hoje, pela manhã cedo, nos appareceu Dolores.

Os olhares de Hortencia e de Oscar se encontraram numa scintillação de corisco.

— E' verdade!... — atalhou a marquezia — Como vâe ella?...

— Um tanto desfeita — respondeu Amelia, fitando no rosto de Oscar um olhar frio, prescrutador — Esteve alguns dias doente; ficou muito desfigurada, a pobre. Não readquiriu ainda aquella vivacidade, aquelle calor que o dr. Souza e Mello chamava de diabolico... Mas está sempre a mesma formosa creatura, meia louca, meia ingenua, encantadora... Ella fugira, tambem, ao doloroso espectáculo de Oscar doente, entre a vida e a morte... Nós, mulheres, não podemos vencer os nossos nervos. Nem todas são capazes do teu heroismo, Hortencia... Desse heroismo tão justamente recompensado pelo reconhecimento de Oscar... Sinto com prazer que serás muito feliz, minha irmã.

— Amelia! — supplicou Hortencia.

— Fôste a primeira a romper a ameaça que pezava sobre uma familia de tres moças — continuou Amelia, com volubildade dissonante das suas maneiras habituaes.

— Será agóra a tua vez — avançou a marquezia.

— Eu estou irremissivelmente condemnada — tornou Amelia, cujas palavras tinham um ligeiro tom de amargura — Irei, talvez, mais tarde, depois de Laura, — continuou ironica — a quem cabe a precedencia. E creio que não está muito distante um novo enlace na familia.

— Que nos dizes? — exclamou a marquezia.

— Nas longas horas de solidão, conversámos muito; matámos o tempo evocando recordações e chegámos á intimidade das confidencias. Imaginem a minha surpresa; imaginem como

caí das nuvens, verificando que aquella creatura ingenua, de uma despreocupação infantil, a nossa Laura tinha certa inclinação. Não és capaz de advinhar por quem...

Oscar, Hortencia e a marquezia se entreolharam surprehendidos, ao passo que Amelia estacára sorrindo como si prelibasse o effeito da sua revelação.

— Ella não nos disse francamente — continuou Amelia, lentamente — Mas, como sabem, esses segredos são difficeis de guardar. Os segredos de amor irradiam das mulheres como uma luz fortissima, apezar de todas as precauções, de todas as dissimulações...

— Afinal de contas — inquiriu a marquezia — Quem é o escolhido?...

— Eu estava longe de suspeital-o. Depois de habil insistencia, consegui saber que a nossa querida Laura tinha uma inclinação muito forte pelo... Sergio de Lima.

(Continúa.)

PAGINAS ESQUECIDAS

POST SCRIPTUM

Quando eu morrer abram-me o peito
E desta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o carcere era estreito,
Meu velho e ativo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
Sem um murmurio de oração,
Lançem-no assim, vâe satisfeito,
A' valla obscura, á podridão,

Para que durma e se desfaça
No lodo amargo da Desgraça,
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoira ao fim duma batalha,
Rouco, furioso, ancioso, ardente!

GUERRA JUNQUEIRO.

O «PRIMO BAZILIO»

O seguinte artigo de critica ao *Primo Bazilio* é de Silva Jardim, nome que, hoje pelo menos, só se recorda quando se quer glorificar o valor do propagandista da Republica. Parece, pois, curioso dar aos contemporaneos um documento de uma das faculdades do seu talento, tão exercida na sua mocidade.

.....

E nós, com o cirio da imitação, entoamos o *de profundis* da consciencia litteraria. Andam a dizer, elles, os de lá, e nós aqui repetimos, — que não temos uma litteratura propria. Lá, d'além-mar, sustentam a nossa dependencia artistica, máu grado nossa independencia politica. Julgam-nos ainda ligados á sua maneira de ver, á sua maneira de conceber e de pensar. Entendem que devem lançar-nos a lei,

o preceito, a regra, o principio; — devemos segui-los:—pensam. Atiram-nos idéas e mandam-nos escrevel-as. Pronunciam a palavra e querem que a repitamos. Escrevem os nomes e intimam-nos a decoral-os.

E então lhes obedecemos. Segui-mos-lhes as pegadas e trilhamos a estrada que elles lá construíram. Não importa que pizem sobre a neve que enregela emquanto que nós caminhamos sobre as areias que calcinam. Elles traçaram o roteiro da viagem na nossa consciencia: força é seguir a lei, como o israelista exausto de forças seguia a columna de fogo. Estudamos agóra as phrases daquelle velho e antigo ancião que se chama Portugal. Questão é esta de epochas. A's vezes, é Paris que nos fascina; é o *boulevard* que nos encanta; é a *grisette* que nos sedúz; outras, é Portugal—o sedição, o ronhoso e atrazado viajor da estrada do progresso, que chora lagrimas de saudade, sobre o atlantico de suas glorias que passaram; é a elle, o escriptor teimoso do epitaphio de nossas glorias, a quem apanhamos as proposições balbuciadas por entre um erguer-se difficil de senectude antiga, para com ella impôr o *sic voleo sic jubeo* litterario ao nosso meio social.

Pensamos que fazemos bem. Não fazemos, não.

O seculo XVIII, ao resplandecer no horisonte da Historia, abriu a porta de Paris e da França ao movimento das lettras inglezas. Antes disso, as grandes pessôas de Boileau, Corneille, Racine, conheciam apenas, através de traducções imperfeitas, os nomes de Shakspeare e de Milton. Voltaire jactava-se de ter feito a França conhecer Loke e Newton—duas constellações de estrellas da sciencia, duas estrellas da constellação do progresso. Houve a febre da moda e a moda da febre. Retratou-se aquella sociedade. Desejou-se-lhe o costume, desejou-se-lhe a lei, desejaram-se-lhe as maneiras. Passou, porém, tudo isso. A critica sabia e illustrada fez ver o erro e a verdade, a luz e a tréva. O entusiasmo febril da *anglomania* pereceu perante o vulto do bom senso. Ainda bem! (1)

Bem será si comnosco o mesmo acontecer. Assim não será baldado o esforço de alguns luctadores fortes.

Pairam já sobre nossas cabeças os vendavaes de bellezas que trovoam nos ares daquelle céu que se chama «MORTE DE D. JOÃO». Não só isso. Penetram-nos n'alma tambem umas nuvens calliginosas por entre tufões de defeitos grandes que lá surgem no vasto horisonte de uma extremação perigosa—o exaggero.

Não nos dê agóra tambem a mania de copiar o *Primo Bazilio*.

Não se avalie por alto a phrase. Apologista da originalidade, quando não degenera em extravagancia, admittimos a transplantação do elemento realmente sensato de todas as manifestações bellas da arte. Ha um *quê* de prudencia na litteratura que tira do paiz onde nasce grande parte dos principios que a devem compôr, mas que váe tambem buscar em paragem estranha a experiencia das coisas, e as regras invariaveis da sciencia.

Ser-se um adepto; — nunca um fanatico. Tal é a verdadeira doutrina.

*

Véem-me estas considerações sobre a evolução rapida que produziu entre nós o livro de Eça de Queiroz. Tornou-se a questão da moda, da occasião, de todas as horas. Tão importante foi essa influencia que um dos mais alteados talentos de nossa terra, o sr. conselheiro Cardozo de Menezes, extraíu do romance um drama. Dizem-me umas noticias que tenho que foi um naufragio esta sua tentativa. Talvez que haja nesta desgraça alguma felicidade:—um escarmento.

Quando elle — o romance — appareceu, todos o leram, muitos — quasi todos — o comprehenderam, e alguns fizeram-lhe a critica. Não o disse-caram, porém.

Entre nós andou estafada a controversia. Uns, attendendo ao fim, ao objectivo, por assim dizer, não do livro, mas da escola, e vendo que era luminoso, grande, bom, disseram:

—Leiam-no.

Outros, com o telescopio da observação desceram ao estudo dos meios em que desenvolve a acção do drama, e, em attenção a certas circumstan-cias, disseram:

—Livre-nos Deus de tal.

Uns bradaram:—é moral.

Outros:—é indecente.

Uns fizeram a synthese. Só a synthese:—um erro.

Outros a analyse. Só a analyse: — outro erro.

Torna-se preciso uma e outra.

*

Versa o ponto capital da divergencia entre os criticos sobre a moralidade ou immoralidade da obra. E' a grande questão, debatida já, não elucidada, entretanto. Não é pueril, note-se. E' importante; muito importante mesmo.

O romance é um liquor que o povo bebe a pequenos goles no calix da ociosidade. Faz-se necessario ver que não contenha elle algum veneno. O primeiro dever de um livro é ser util e moral.

A moral é a peanha em que se assenta a bôa litteratura.

«A litteratura não tira suas bellezas duraveis sinão da moral mais delicada. A critica litteraria é muitas vezes um tratado de moral»—li. (2)

Ora, decidir a questão da moralidade ou immoralidade dum livro não é questão banal. E nem a simples consciencia de quem lê pôde proferir muita vez a palavra ultima sobre tão profundo assumpto. E' elle de uma grande relatividade.

Nem mesmo a consciencia collectiva, a do publico, pôde raciocinar com devido criterio. O publico! Esse coitado lê, — quando lê, — tudo que lhe cheira a maldade. Mastiga, engole, indistinctamente, o bom e o máu livro. Faz-lhe isso depois um estrago contínuo no organismo d'alma. Abre-lhe um hospital de idéas no cerebro. Não se queixa entretanto. Deixa-se arrastar pela onda apressada da corrupção, pela onda veloz da mentira litteraria, e sympathiza até com os auctores que pensam e que dizem:

*El vulgo es necio, y, pues lo paga, es justo
Hablarle en necio para darle gusto.* (3)

É preciso bem educal-o,—a elle, o coitado, a victima dos crimes das lettras. E' principalmente elle que tem de supportar os effeitos da molestia de muitas cabeças. Tenhamos compaixão dos que não teem apurado o paladar da intelligencia.

*

A escola realista, que evoluciona agóra os vagalhões do oceano da arte, em geral, e da litteratura, em parti-

cular, erguendo seu dorso soberbo em crespidades inutilissimas até a altura da justiça e da verdade, para atiral-as depois ao convéz da barca em que se salvam do naufragio da ignorancia as massas populares, pôde preencher com perfeição maxima seu fim, sem cauzar metamorphoses perniciosas nas diversas fórmas de pensar e de sentir da sociedade hodierna, e plantando no terreno inculto das camadas mais ignorantes as sementes vivificadoras dos eternos principios e das eternas leis do bem, do verdadeiro e do justo.

Mas é necessario não falsear o idéal luminoso da escola. E' necessario que a theoria—essa porta que olha para a estrada fragosa da pratica — seja seguida.

Póde—e deve—haver a pintura fiel e exacta da sociedade, a photographia real mesmo, sem comtudo atar o espirito aos grilhões do torpe e do deshonesto. Ha muita idéa nobre que os sectarios de tudo que é excesso teem especial cuidado em occultar, considerando o mundo por um prisma justamente diverso, não logrando sinão extinguir o fim a que se destinavam, e constituir uma escola de aberração, de extravagancia e de exaggero.

O que é a realidade? Não só o vicio. Não só a crapula, a perdição e a miseria. Não só o crime, a podridão.

O realismo de Eça de Queiroz é a impudicia. E' a falsidade á historio-graphia dos acontecimentos. E' a falsidade ainda ao estudo animico do homem.

Nem tudo que é natural se pinta, se retracta, quando não vem dahi um proveito que illumina, esclarece e purifica. O vicio existe. Pois bem: si a photographia fôr exacta, sem ser asquerosa, nunca será repellida. Sinão, não.

*

Eça de Queiroz degenera, pois, o idéal da escola, corrompendo-o. O *Primo Basilio* é uma continuação do *Crime do Padre Amaro*. E' mais bello na linguagem, mais alteado no estylo, mais sublimado nas descrições, mas é tambem mais immoral e impudico. Revela além disso um facto que a critica não deve deixar impune: — a pobreza bastante de imaginação. O *Primo Basilio* resalta do *Crime do Padre Amaro*. Si tirarmos a Jorge sua

carta de engenheiro, e a Amaro sua corôa de padre, identificam-se. Luiza é talvez na fórma um typo differente e diverso de Amelia: em fundo representam, porém, o mesmo papel. O dramaturgo, typo saliente no segundo, é o jornalista, typo mal definido no primeiro. As scenas do Paraizo relembram as scenas em casa do sineiro. E assim em muitas outras occasiões Eça não faz mais que desenvolver a idéa contida no seu primeiro romance, arrastando a acção e complicando-a numa infinidade de scenas sem conexão com o fim principal da obra. A's vezes, tornam-se inteiramente desnecessarias, e são as que descrevem factos os mais repulsivos, que não servindo a mostrar o fim a que se propõe o auctor, vão lançando incidentalmente no espirito de quem lê, hypotheses locupletas duma sensualidade grosseira.

Receia porém, ás vezes, depois de ter lançado no livro a obscenidade da idéa, lançar tambem a obscenidade da palavra; uza então da reticencia. A reticencia é então um sophisma; é um syllogismo cuja conclusão é uma mentira e uma vergonha.

Não é assim que se mostram as pustulas sociaes. Não é assim que se as pôde curar. Não é thuribulando no altar do torpe que se sacrifica no templo da litteratura séria.

E' difficil, é muito difficil esta tarefa do constituir-se em *ferula mundi*. Tem creado o baqueamento de talentos, e não me consta que no seu seio tenham muitos encontrado pedestales de glorias.

*

E' esta opinião talvez *caturra* e contraria a muitos. Mas perdõem-me a expressão franca e leal do meu pensar e do meu sentir.

Não tenho a pretensão de bradar:— A verdade é esta.

Este «eureka» deixo-o a mais esforçados campeões, em arenas mais largas e mais apropriadas.

Uma ultima palavra: E' forçoso confessar que o romance não desenvolve a these como vale a pena.

Tempo tivera eu, e estudo tambem, que o demonstraria.

Não posso. Sinto-o.

Uma palavra ultima. Si o presente é ruim, o futuro será peor, si trilharmos sendas eguaes.

Si o mundo é uma pustula, será então um cadaver.

Pudéra não!

SILVA JARDIM.

1878.

(1) Quenot.—Noticia sobre a vida e obras de Huggues Blair.

(2) Madame de Stael.

(3) Lope de Vega, cit. por Ildefonso Ovejuna, Prologo das obras de Zorrilla.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A herbomania. — Succedaneos da morphina. — Inconvenientes da substituição desta pela cocaína e pela heroína.

A morphina e os derivados do opio são maravilhosos agentes. Graças ao succo da papoula, o soffrimento se acalma durante longas horas e alliviam as mais cruciantes dôres. Mas, si a morphina é um dos grandes agentes benéficos da therapeutica, não deixa de ter inconvenientes, principalmente depois de generalisado o seu emprego por meio de uma seringa de Pravaz, transformada em instrumento de um vicio assolador.

Os morphinomanos se tornaram legião e não ha molestia ou mania mais difficil de combater do que essa produzida pelo abuso de injeções subcutaneas. Para cural-a, tentou-se o emprego da cocaína. Mas a substituição produzia funestos resultados: os morphinomaniacos se transformaram em cocaínomaniacos ou adquiriram ambas as manias. Póde-se, portanto, afirmar que foi peor a emenda do que o soneto.

Apercebidos desse erro, alguns medicos aconselharam o recurso a uma outra substancia que a chimica acaba de obter dos productos do opio. Empregando a cocaína, era de suppôr (e o erro era até certo ponto legitimo) fôsse supprimida em pouco tempo a morphinomania, porque si os dois corpos eram toxicos, eram de constituição chimica absolutamente diversa. A heroína que esta em voga, ha algum tempo, pouco differe da morphina, no sentido de ser um producto da mesma série, no ponto de vista chimico: é um ether disacetico de morphina, sendo muito mais activo do que ella, bastando o metade das doses para produzir a analgesia. E' um medicamento que deve ser empregado com prudencia. Em consequencia surgiram accidentes mais rapidos, quando se pretendeu substituir a morphina pela heroína para a cura da morphinomania; não se conseguiu outro resultado sinão crear uma outra raridade de intoxicação — a heroínomania.

Esta mania, para a qual o dr. Sallier chama a attenção dos collegas, é devida a um abuso ainda mais grave que o da morphina. A heroína parece muito mais toxica para os doentes, não sómente em doses similares, como em doses menores: ha morphinomaniacos que resistem cinco, seis annos a doses collossaes de 2 a 4 grammas de morphina; os heroínomaniacos resistem muito menos tempo e com a metade daquelle algarrismo. Suppõe-se diminuir o gráu de intoxicação com a diminuição da dose toxica, tomando, por exemplo, 50 cent. de heroína em vez de 1 gram. de morphina. Mas o bem estar determinado pela heroína, euphorisa, como se diz em linguagem medica, é muito inferior ao da morphina; por isto, as doses augmentam com mais rapidez, as injeções se repetem cada vez mais fortes e o mal que se pretendia sanar, peiora mudando de nome. Além disso, o habito se adquire facilmente como o da morphina, a necessidade se torna muito mais imperiosa e a cura muito mais difficil.

O methodo de tratamento pela abstenção rapida, diminuição brusca das altas doses, apresenta inconvenientes mais graves do que no caso da morphina, uma vez que a heroína actúa sobre a circulação e a respiração e a morphina sobre os centros nervosos e o apparelho digestivo.

Cocaína, heroína e outros compostos similares não teem o valor da morphina.

XADREZ

TEICHMANN

No Club dos Diarios. — Partidas simultaneas.
— A 1ª partida com o dr. Caldas Vianna :
empate. — Partidas sem ver o taboteiro.

No dia 1º do corrente, realizou Teichmann no CLUB DOS DIARIOS, a sua primeira sessão de partidas simultaneas. Eram 9 os adversarios: Theophilo Torres, Henrique Costa, Ribeiro de Almeida, Heitor Bastos, Augusto Silva, Godofredo Cunha, Annibal Pereira, Augusto Loup e Frota Pessôa. A sessão durou 2 horas; Teichmann ganhou todas as partidas.

— Era anciosamente esperado o encontro do mestre com o campeão sul-americano, dr. Caldas Vianna, que se achava doente, como noticiámos em nosso numero pasado. Ainda em convalescença, o dr. Caldas Vianna apresentou-se ao club no dia 3, jogando uma partida com Teichmann. Os dois mestres, nessa primeira prova, empataram.

— Em Buenos Aires, onde esteve, antes de vir ao Rio de Janeiro convidado pelo CLUB DOS DIARIOS, Teichmann nunca foi derrotado em partidas singulares, empatando ás vezes. Em partidas simultaneas numerosas, perdeu algumas.

— O aspecto do salão de xadrez do CLUB DOS DIARIOS desde a chegada de Teichmann, é muito interessante. De 3 horas da tarde em diante até 11 horas e meia noite um grande numero de amadores assiste permanentemente ás sensacionaes peripecias das successivas victorias do illustre hospede. Em torno da meza a que se assenta Teichmann fórman circulo os infatigaveis amadores, attentos, silenciosos, ou trocando breves commentarios e signaes expressivos, gestos de surpresa ou admiração. Reina allí uma emoção continua, e um enthusiasmo sempre crescente.

— Publicamos duas partidas de Teichmann: a que empatou com o dr. Caldas Vianna, e a que ganhou de Heitor Bastos, um dos 9 adversarios do dia 1º.

— Teichmann dará uma sessão em que jogará sem ver o taboteiro.

* *

PARTIDA N. 51

(Jogada no Club dos Diarios a 3 de maio de 1906)

RUY LOPEZ

Branças (Dr. Caldas Vianna)	Pretas (R. Teichmann)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 5 C D — 3 —	P 3 T D
B 4 T — 4 —	C 3 B R
Roque — 5 —	B 2 R
C 3 B D — 6 —	P 4 C D
B 3 C — 7 —	P 3 D
P 3 D — 8 —	C 4 T D
C 2 R — 9 —	Roque
C 3 C — 10 —	P 4 B D
P 3 B D — 11 —	C X B
P X C — 12 —	D 2 B
T 1 R — 13 —	T 1 R
P 3 T R — 14 —	P 3 T R

B 3 R — 15 —	P 4 D
D 2 B — 16 —	B 1 B R
T D 1 D — 17 —	P 5 B
P D X P — 18 —	P X P R
C X P 4 R (a) — 19 —	C X C
D X C — 20 —	B 2 C
D 4 C — 21 —	T 3 R (b)
C 4 T — 22 —	P 3 C
P X P — 23 —	P X P
P 4 C D — 24 —	R 2 T
P 4 B R — 25 —	P X P
B X P — 26 —	D 3 Ç x
R 1 T — 27 —	T X T x (c)
T X T — 28 —	P 4 B R (d)
D 3 C — 29 —	P 4 C R
B X P! (e) — 30 —	P X B
D X P — 31 —	B 5 R
C X P — 32 —	B X C
D X B x — 33 —	R 1 T
D 5 T x — 34 —	R 2 C
D 4 C x — 35 —	R 1 T
D 3 B — 36 —	T 1 D
D 5 T x — 37 —	B 3 T
T 8 D x — 38 —	T X T
D X T x — 39 —	R 2 C
D 7 D x — 40 —	R 3 C
D 3 D x — 41 —	R 4 C
D 5 D x — 42 —	R 3 C
D 4 R x — 43 —	R 2 C
P 4 C R — 44 —	D 7 B
D 4 D x — 45 —	D X D
P X D — 46 —	B 4 C
R 2 C — 47 —	B 3 B
R 3 B — 48 —	B X P
R 4 R — 49 —	B X P
R 5 D — 50 —	R 3 B
P 4 T — 51 —	B 6 B
R 5 B — 52 —	B 8 R
P 5 T — 53 —	R 4 C
R X P — 54 —	B 7 D
R 4 B — 55 —	R X P

empate

(a) Já o dr. Caldas Vianna ganha um pião ao seu terrivel adversario e a sua situação é magnifica.

(b) Lance quasi forçado.

(c) Apparentemente 27... P 4 C R faz ganhar uma peça; mas as Brancas jogariam 28 — D 5 B x, e salvaria as duas peças, ficando as Pretas em posição precaria.

(d) Forçando a *fourchette*.

(e) Com a troca do B por tres piões, as Brancas deveriam ganhar, pois que teem mais um pião ganho; mas o jogo de Teichmann neste final é admiravel de habilidade.

* *

PARTIDA N. 52

(Jogada no Club dos Diarios a 1º de maio de 1906, juntamente com mais oito)

GIUOCO PIANO

Branças (R. Teichmann)	Pretas (Heitor Bastos)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 4 B — 3 —	B 4 B
P 3 B — 4 —	C 3 B
P 4 D — 5 —	P X P
Roque — 6 —	P 3 D
P X P — 7 —	B 3 C

C 3 B — 8 —	B 5 C
B 3 R — 9 —	D 2 R
T 1 R — 10 —	Roque T R
D 3 D — 11 —	B X C (a)
P X B — 12 —	P 3 T D (b)
R 1 T — 13 —	C 4 T D
T 1 C R — 14 —	C X B
D X C — 15 —	D 3 R
D 2 R — 16 —	P D 1 D
T 2 C R — 17 —	C 1 R
T D 1 C (c) — 18 —	P 4 B R
P 5 D (d) — 19 —	D 2 B
T X P x? (e) — 20 —	C X T
P 5 R (f) — 21 —	P X P? (g)
B 6 T — 22 —	D 4 T
T X C x — 23 —	R 1 T
D X P — 24 —	abandonam

(a) Contra um jogador da força de Teichmann este lance é uma imprudencia nas condições actuaes. E' evidente que o ataque das Brancas fica fortissimo com a columna do C R aberta em cima do roque.

(b) Perda de tempo.

(c) Como se vê, as Brancas não precisam senão de uma tactica elementar para ficarem ameaçadoras.

(d) Inicio de uma combinação falsa. As Brancas afastam a D. para poderem mais tarde levarem o B. a 6 T.

(e) Um erro de que as Pretas não souberam aproveitar-se.

(f) Indispensavel para evitar que o B. preto venha a 5 D quando as Baancas jogarem B 6 T.

(g) B X B! é o lance obrigado que deveria dar ganho ás Pretas, ou, pelo menos, a nulidade certa.

* *

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 46 (*Em. Pradignat*): Este problema saíu errado: a torre que está a 8 R é preta. Corrigido, a solução é: C 8 B R.

JOSÉ GETULIO.

DOR

Passam da vida os vagalhões bramindo,
Uns após outros, arrostando irados
Meu sér cançado, e fraco, sacudindo
Das margens sobre os duros escarpados...

Nunca de amigos que meu grito ouvindo
De prantos os olhos senti velados
E nem as dores que traguei sorrindo
Em peito amigo vi inspirar cuidados!

Ai de mim! Ai de mim! quanta alegria
Em mil faces passaram fluctuando
Quando em dores minh'alma se extorcía!

Ai de mim! de minh'alma combalida
Que com ella não encontra quem, chorando,
Aos propios funeraes assista em vida!...

J. BENEDICTO COHEN.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.